



Renato António Gonçalves Gaspar

RELATÓRIO DE ESTÁGIO DESENVOLVIDO NA ESCOLA BÁSICA E SECUNDÁRIA QUINTA DAS FLORES JUNTO DA TURMA C DO 9º ANO, NO ANO LETIVO DE 2014/2015

Relatório de Estágio em Ensino da Educação Física nos Ensinos Básico e Secundário orientado pelo Mestre Pedro Fonseca,
apresentado à Faculdade de Ciências do Desporto e Educação Física da Universidade de Coimbra.

Junho 2015



UNIVERSIDADE DE COIMBRA

RENATO ANTÓNIO GONÇALVES GASPAR

Nº2010160555

**RELATÓRIO DE ESTÁGIO DESENVOLVIDO NA ESCOLA BÁSICA E
SECUNDÁRIA QUINTA DAS FLORES COM A TURMA C DO 9º ANO NO ANO
LETIVO DE 2014/2015**

Relatório de Estágio apresentado à
Faculdade de Ciências do Desporto e
Educação Física da Universidade de
Coimbra com vista à obtenção do grau de
Mestre em Ensino da Educação Física nos
Ensinos Básicos e Secundário.

Orientador: Mestre Pedro Fonseca

Coimbra

2015

Gaspar, R. (2015). Relatório de estágio pedagógico desenvolvido na Escola Básica e Secundária Quinta das Flores com a turma C do 9º ano no ano letivo de 2014/2015. Relatório de Estágio, Faculdade de Ciências do Desporto e Educação Física da Universidade de Coimbra, Coimbra, Portugal.

Renato António Gonçalves Gaspar, aluno nº 2010160555 do Mestrado em Ensino da Educação Física nos ciclos básico e secundário da universidade de Coimbra, vem declarar por sua honra que este Relatório Final de Estágio constitui um documento original da sua autoria, não se inscrevendo, por isso, no disposto no art. 30º do Regulamento Pedagógico da Faculdade de Ciências do Desporto e Educação Física da universidade de Coimbra (versão de 10 de Março de 2009).

Coimbra, 16 de junho de 2015

(Renato Gaspar)

AGRADECIMENTOS

Esta etapa da minha formação contou com a ajuda de amigos e familiares. Gostava de aproveitar este momento, este espaço do documento, para expressar a minha eterna gratidão por me terem apoiado durante todo este processo de formação e permitirem que, de alguma forma, saia desta instituição um profissional capaz e competente.

Agradeço:

Aos meus pais por tudo o que me deram na vida e por contribuírem com todos os seus meios e posses para a minha formação e para fazer de mim o homem que sou hoje. A ti mãe por todo o esforço que tens feito ao longo de todos estes anos e pelo papel que tens desempenhado, sempre presente e pronta a ajudar. A ti pai porque apesar de não estares presente fisicamente estás comigo todos os dias no pensamento e coração.

Ao meu irmão, que apesar das diferenças que temos e de todas as desavenças do passado, continua a ser da família não só pelos laços de sangue. Sei que posso contar contigo no que precisar.

A uma amiga muito especial, Cristiana, pela presença, apoio, paciência e por saber que posso contar sempre contigo.

À minha avó Rita e ao meu tio Jorge, que sempre me apoiaram e ajudaram em toda a minha vida, fazendo o papel de segundos pais sempre que necessário.

Às minhas tias, tios e à minha madrinha, que sempre me apoiaram ao longo do meu percurso escolar e pessoal, que deram sempre um ombro amigo e transmitiram um sentimento de pertença a uma família.

A todos os meus amigos que me acompanharam em alguma parte da minha vida, tanto no ensino obrigatório como depois no ensino superior, que me ajudaram quando precisei e por me transmitirem o sentimento de confiança e a certeza de que posso contar sempre com vocês.

A todos aqueles que formam o agrupamento de escuteiros de Nossa Senhora das Misericórdias – 1356 Ourém, que me ajudaram em grande parte na construção de muitos dos valores que me definem como pessoa e profissional.

A todos os elementos da Maratuna, tuna da Faculdade de Ciências do Desporto e Educação Física da Universidade de Coimbra, que me proporcionaram alguns dos anos mais felizes da minha vida enquanto “maratuno” com o vosso, o nosso, espírito académico.

A todos os elementos do núcleo de estágio da Quinta das Flores, pelo o ano fantástico que partilharam, pelas batalhas que enfrentámos e pelo contributo que tiveram na minha vida a nível de formação.

A toda a comunidade escolar da Escola Básica e Secundária Quinta das Flores, por me ter acolhido da melhor forma e por me ter proporcionado o melhor ano da minha vida em termos profissionais.

A toda a Faculdade de Ciências do Desporto e Educação física da Universidade de Coimbra pelos ensinamentos que me deu.

Ao professor Vítor Nunes pela paciência e pelos conhecimentos transmitidos no âmbito do acompanhamento do cargo de diretor de turma, que contribuiu para a minha formação.

Aos professores orientadores Paulo Furtado e Pedro Fonseca, pelo acompanhamento, apoio e críticas construtivas que contribuíram em muito para a minha formação ao longo deste ano.

À turma do 9ºC por me permitir crescer enquanto professor e por me ter proporcionado momentos que jamais esquecerei.

A todos aqueles que foram omitidos mas que são parte integrante da minha vida e que tiveram um papel fundamental na mesma.

A todos vós, um sincero Obrigado!

RESUMO

O estágio pedagógico representa uma etapa fundamental na formação individual de qualquer docente porque é neste que o estagiário aplica todo o conjunto de conhecimentos que foi adquirindo ao longo dos anos na sua formação inicial. Espera-se um desenvolvimento a vários aspetos sendo o mais importante a componente pedagógica. Para este desenvolvimento ter lugar é também preciso muita reflexão sobre as boas práticas na área do ensino da educação física. Com este documento temos o culminar de um ano letivo de formação no seio de uma instituição escolar, neste caso, formação desenvolvida na escola básica e secundária Quinta das Flores (Coimbra) na turma C do 9º ano. Neste documento vamos expor as expectativas e opções iniciais em relação ao estágio, as características do meio onde desenvolvemos o mesmo, apresentando tudo o que tem relevo para a disciplina de educação física. Será feita uma análise reflexiva sobre a prática pedagógica, contendo o planeamento, a realização e a avaliação, com a descrição do que foi feito e reflexões sobre o assunto. Vamos também incidir sobre a componente ético-profissional e a importância do trabalho em grupo, refletindo sobre a temática. No final do documento será aprofundado o tema/problema intitulado de “A diferença do *feedback* dado a alunos de diferentes géneros, com idades entre os 14 e os 16”.

Palavras-chave: Processo ensino-aprendizagem; planeamento; realização; avaliação; questões éticas; *Feedback*; Géneros.

ABSTRACT

The pedagogic internship represents a fundamental stage in the formation of any individual teacher because it's here that the trainee apply the entire knowledge that has been acquired over the years in their initial training. It is expected to develop several aspects, being the most important the educational component. For this development to take place it is also required a lot of reflection about the good practices in teaching physical education. With this document we have the culmination of a school year of training within an educational institution, in this case, training provided in Escola Básica e Secundária Quinta das Flores (Coimbra) with the C class of the 9th grade. In this document we will expose the expectations and initial choices of the pedagogic internship, the characteristics of the environment where we develop the same, presenting all that is important about physical education. It will be done a reflective analysis of the teaching practice, containing the planning, realization and evaluation, with a description of what was done and reflections about the subject. We will also focus on the ethical and professional component and the importance of group work, reflecting on the theme. At the end of the document will be deepened the theme/issue "The difference of the feedback given to students with different genders, between the ages of 14 and 16"

Keywords: Teaching-learning process; planning; realization; evaluation; ethical issues; feedback; Gender

Índice

| | |
|--|--------|
| 1. Introdução..... | - 1 - |
| 2. Expetativas iniciais..... | - 3 - |
| 3. Expetativas e opções iniciais em relação ao estágio..... | - 3 - |
| 4. Caraterização das condições de realização..... | - 4 - |
| 4.1. Caraterização da escola..... | - 4 - |
| Tabela 1. Espaços e as suas caraterísticas..... | - 5 - |
| Tabela 2. Número de aulas por modalidade..... | - 6 - |
| 4.2. Caracterização do grupo de educação física..... | - 6 - |
| 4.3. Caracterização da turma..... | - 7 - |
| Tabela 3. Grupos de nível dos alunos nas modalidades lecionadas..... | - 8 - |
| 5. Análise reflexiva sobre a prática pedagógica..... | - 9 - |
| 5.1. Planeamento..... | - 9 - |
| 5.1.1. Plano Anual..... | - 9 - |
| 5.1.2. Planeamento das Unidades Didáticas..... | - 10 - |
| 5.1.3. Planos de Aula..... | - 12 - |
| 5.2. Realização..... | - 13 - |
| 5.2.1. Instrução..... | - 14 - |
| 5.2.2. Gestão..... | - 16 - |
| 5.2.3. Clima/Disciplina..... | - 17 - |
| 5.2.4. Decisões de Ajustamento..... | - 18 - |

| | |
|---|--------|
| 5.3. Avaliação | - 20 - |
| 5.3.1. Avaliação Diagnóstica | - 21 - |
| 5.3.2. Avaliação Formativa..... | - 22 - |
| 5.3.3. Avaliação Sumativa..... | - 23 - |
| 5.3.4. Autoavaliação | - 24 - |
| 6. Componente Ético-Profissional..... | - 24 - |
| 7. Importância do trabalho individual e de grupo..... | - 26 - |
| 8. Aprofundamento do tema/problema..... | - 27 - |
| Introdução..... | - 27 - |
| Objetivos..... | - 28 - |
| Metodologia..... | - 28 - |
| Apresentação e discussão dos resultados..... | - 29 - |
| Conclusões..... | 35 |
| Limitações do estudo | 35 |
| 9. Conclusão | 36 |
| 10. Referências bibliográficas | 37 |
| 10.1. Outras referências | 37 |
| 11. Anexos..... | 39 |
| 11.1 Anexo I – Questionário para a caracterização da turma..... | 40 |
| 11.2. Anexo II – Plano de Aula | 46 |
| 11.3. Anexo III – Grelha de Avaliação Diagnóstica..... | 48 |

| | |
|---|----|
| 11.5. Anexo V – Grelha de Avaliação Sumativa..... | 51 |
|---|----|

Índice de Tabelas

| | |
|---|-------|
| Tabela 1. Espaços e as suas características | - 5 - |
| Tabela 2. Número de aulas por modalidade. | - 6 - |
| Tabela 3. Grupos de nível dos alunos nas modalidades lecionadas. | - 8 - |

Índice de Gráficos

| | |
|--|----|
| Gráfico 1. N° de <i>Feedback</i> – Futsal..... | 29 |
| Gráfico 2. N° de Feedback - Atletismo..... | 29 |
| Gráfico 3. Conteúdo do FB – Futsal..... | 30 |
| Gráfico 4. Conteúdo do FB -Atletismo | 30 |
| Gráfico 5. Objetivo do FB - Futsal | 31 |
| Gráfico 6. Objetivo do FB – Atletismo | 32 |
| Gráfico 7. Afetividade do FB – Futsal | 33 |
| Gráfico 8. Afetividade do FB - Atletismo | 34 |

1. Introdução

O presente documento, relatório de estágio, surge no âmbito da unidade didática com o mesmo nome, “Relatório de Estágio”, inserida no Mestrado em Ensino da Educação Física nos Ciclos Básico e Secundário da Universidade de Coimbra e vem no seguimento de uma outra UD que diz respeito ao estágio pedagógico. Este pretende refletir as aprendizagens desenvolvidas no ano letivo de 2014/2015 na Escola Básica e Secundária da Quinta das Flores.

O ano de estágio assume uma grande importância no processo de formação de cada professor, é nele que se aplicam todos os conhecimentos teóricos adquiridos ao longo da licenciatura e do primeiro ano de mestrado, que muitas vezes se tem o primeiro contacto com turmas pertencentes aos ciclos básico e secundário ou com qualquer turma.

A escola onde foi desenvolvido o relatório de estágio foi a Básica e Secundária Quinta das Flores, em Coimbra, com a turma C do 9º ano de escolaridade (3º Ciclo) no ano letivo de 2014/2015.

Este relatório vai essencialmente relatar todo o percurso e o trabalho desenvolvido ao longo desta etapa de formação, para além de refletir sobre as aprendizagens conseguidas com a intervenção pedagógica na disciplina “Educação Física”.

O estágio pedagógico assume uma grande importância na formação de cada professor porque é neste que aplicamos todos os conhecimentos teóricos adquiridos durante os anos de formação inicial. É neste que somos estimulados quando deparados com algumas dificuldades e que desenvolvemos estratégias para a resolução das mesmas.

O presente documento está organizado por um conjunto de temas e subtemas. O primeiro é a Introdução, seguida das expectativas iniciais e as expectativas e opções iniciais em relação ao estágio. O próximo ponto, a caracterização das condições de realização, está subdividido em caracterização da escola, do grupo de educação física e da turma (onde faço uma pequena referência à avaliação diagnóstica). Segue-se o ponto 5, a análise reflexiva sobre a prática pedagógica, que contempla todo o planeamento (anual, unidades didáticas e planos de aula), a realização (instrução, gestão, clima/disciplina e decisões de ajustamento) e a avaliação (diagnóstica, formativa, sumativa e autoavaliação). O ponto 6 diz respeito à componente ético-profissional, o 7 à importância do trabalho individual e de grupo, o 8 ao aprofundamento do tema/problema, o 9 à

conclusão e o 10 às referências bibliográficas. Na parte final do documento são apresentados alguns anexos.

2. Expetativas iniciais

Durante todo o percurso enquanto estudante universitário, quer na licenciatura, quer no mestrado houve a tentativa de adquirir o máximo de conhecimentos relativos à via do ensino, porque desde logo foi um caminho passível de enveredar e que dá a possibilidade de dar aulas numa escola com 3º Ciclo e ensino secundário. O estágio pedagógico, ainda parte integrante deste processo de adquirir conhecimentos, permite essencialmente aplicar tudo o que foi aprendido até ao momento, significa meter em prática toda a teoria estudada.

Quando começou o estágio não havia qualquer tipo de experiência profissional na área do ensino, apenas experiência como treinador de futebol e de atletismo, o que ofereceu um maior à vontade perante uma turma, sendo, portanto, uma experiência nova. Desta forma, apesar da falta de experiência, falta de conhecimentos relativos a cada modalidade, insegurança, ansiedade e sem saber de que forma se deve transmitir as aprendizagens aos alunos, houve a tentativa de encarar o estágio com a seriedade, responsabilidade e com o profissionalismo que merecia.

As expetativas iniciais, para além de encontrar uma escola e uma turma que oferecessem as condições necessárias para desenvolver o trabalho docente, com profissionais experientes que ajudassem a entender o funcionamento do meio e que aconselhassem, passaram por uma envolvimento de forma ativa no seio da comunidade escolar. Esta envolvimento passou por colaborar em atividades como torneios e afins, desenvolver e melhorar o trabalho enquanto docente, numa perspectiva mais profissional, mais madura e reflexiva, através da prática do ensino e da constante pesquisa de informação relevante para incrementar a qualidade do trabalho.

3. Expetativas e opções iniciais em relação ao estágio

Devido à importância do estágio pedagógico na formação individual havia uma vontade de seguir para uma escola que oferecesse muito boas condições para desenvolver a minha prática docente, com um bom orientador de escola. Neste sentido, seguindo os conselhos de antigos alunos da faculdade e com uma boa média obtida no primeiro ano, a escolha recaiu sobre a Escola Básica e Secundária Quinta das Flores, conseguindo desta

forma também ficar em Coimbra, que era um dos objetivos pela falta de transporte próprio. A escolha desta escola também possibilitou ficar com alguns colegas com os quais já tinha sido possível trabalhar em grupo, ao longo da formação inicial, facilitando assim o trabalho que surgia pela frente e a partilha de conhecimentos e opiniões em tarefas de grupo ou reuniões de núcleo.

Uma vez escolhida a escola e apresentadas as condições pelo orientador foi a vez de escolher a turma a lecionar entre cinco opções disponíveis. Como três dos cinco estagiários do núcleo estavam na iminência de dar atividades de enriquecimento curricular (“aec’s” - aulas de educação física em escolas primárias) não foi um problema ficar com a turma que lhes causava menos transtorno em termos de horário, acabando por ficar com a última escolha, até porque ainda não tínhamos informações acerca dos alunos das turmas. Desta forma, a turma a lecionar foi inicialmente o 12ºB, turma que depois acabou por mudar ao trocar com uma colega de núcleo, mais uma vez pela condicionante das “aec’s”, ficando no fim com o 9ºC. Foi então com esta turma do nono ano que se iniciou a prática docente.

4. Caraterização das condições de realização

4.1. Caraterização da escola

A escola básica e secundária Quinta das Flores situa-se no interior do tecido urbano, na freguesia de Santo António dos Olivais. Esta zona é uma das de maior desenvolvimento e crescimento demográfico em Coimbra. Esta sofreu obras de requalificação durante os anos letivos de 2009/2010 e 2010/2011 com a ida do conservatório de música de Coimbra para o mesmo espaço, partilhando este e os recursos disponíveis.

Neste ano a escola conta com 1127 alunos, 41 funcionários e 125 professores das várias disciplinas.

O espaço físico da escola é constituído por cinco blocos, um principal e quatro de salas de aula (A, B, C e D), um pavilhão gimnodesportivo, três campos desportivos, um coberto e dois descobertos. Todos estes espaços estão envolvidos por algumas zonas verdes.

Os espaços desportivos são aqueles que apresentam uma maior importância e, por isso, é relevante caracterizá-los um pouco:

Tabela 1. Espaços e as suas características

| Espaço | Caraterísticas do espaço | Modalidades possíveis de lecionar |
|---------------------------------------|--|---|
| Espaço 1A (pavilhão gimnodesportivo) | Dimensões: 10m x 15m. | Ginástica, dança e desportos de combate. |
| Espaço 1 (pavilhão gimnodesportivo) | Dimensões: 15m x 20m. Marcações de 1 campo de basquetebol (2 tabelas). | Ginástica, dança, patinagem, basquetebol, atletismo (salto em altura) e desportos de combate. |
| Espaço 2 (pavilhão gimnodesportivo) | Dimensões: 20m x 30m. Marcações de 2 campos de badmínton (2 redes e postes), 3 campos de basquetebol (6 tabelas), 1 campo de ténis, 2 campos de voleibol. | Andebol, badmínton, basquetebol, futsal, patinagem, ténis e voleibol. |
| Espaço 3 (campo exterior descoberto) | Tem 6 pistas de atletismo, 1 pista de balanço e caixa de areia. | Atletismo (tudo exceto lançamentos e salto em altura). |
| Espaço 4 (campo exterior descoberto) | Dimensões: 70m x 40m. Marcações de um campo de andebol/futsal (2 balizas). | Andebol e Futsal |
| Espaço 5 (campo exterior coberto) | Dimensões: 20m x 40m. Marcações de 1 campo de andebol/futsal (2 balizas), 2 de basquetebol (4 tabelas) e 1 de ténis. | Andebol, futsal, basquetebol, bitoque rãguebi e ténis. |
| Campo exterior descoberto (zona onde) | Dimensões: 30m x 30m Marcações de um campo de | Basquetebol, Voleibol, futsal e andebol. |

| | | |
|--|---|--|
| a prática é permitida nos intervalos escolares). | basquetebol (2 tabelas), um mini campo de futsal/andebol e um campo de voleibol (1 rede e postes) | |
|--|---|--|

A permanência em cada um dos espaços é de meio período, sendo a rotação decidida pelo grupo de educação física. Nós começamos no espaço 1 e seguimos em ordem crescente, do 1 ao 5.

Tabela 2. Número de aulas por modalidade.

| Espaço | Modalidade abordada | Número de semanas/aulas |
|---------------|----------------------------|--------------------------------|
| Espaço 1/1A | Ginástica acrobática | 6 Semanas/15 aulas |
| Espaço 2 | Voleibol | 7 Semanas/ 18 aulas |
| Espaço 3 | Atletismo | 6 Semanas/ 16 aulas |
| Espaço 4 | Futsal | 6 Semanas/ 16 aulas |
| Espaço 5 | Andebol | 5 Semanas/ 15 aulas |
| Espaço 1/1A | Luta | 4 Semanas/ 12 aulas |

É importante referir ainda que a escola oferece um conjunto de cinco modalidades no desporto escolar. São elas: badmínton; ténis de mesa; golfe; futsal e voleibol.

4.2. Caracterização do grupo de educação física

O grupo de educação física da escola básica e secundária Quinta das Flores no presente ano letivo é constituído por todos os professores de educação física da instituição. São 13 professores, incluindo o orientador de estágio, e 5 professores estagiários, formando um total de 18 professores de educação física. Os professores estagiários ficaram com uma turma do orientador cada um, sendo que dois estão com o 12º ano e três com o 9º ano. Dos 13 professores, um deles é também coordenador do grupo de educação física. Estes professores têm ainda funções como diretor de turma, coordenador de desporto escolar, professor responsável por uma das modalidades de

desporto escolar e organizadores de eventos de carácter pedagógico relacionados com a atividade física (torneios e afins).

Importa ainda referir que uma grande parte dos 13 professores se disponibilizou em todos os momentos para nos auxiliar no que foi preciso, mostrando-se sempre compreensivos e deram sempre permissão para observar as aulas deles, facilitando-nos o trabalho. Na partilha dos espaços ou material, quando foi necessário, também não houve qualquer tipo de problema.

4.3. Caracterização da turma

A caracterização da turma foi feita utilizando um questionário no primeiro dia de aulas, questionário esse desenvolvido pelo grupo de estágio. A turma do 9ºC é constituída por vinte e cinco alunos (catorze do género feminino e onze do género masculino), com uma média de idades de quinze anos devido ao grande número de alunos da turma que em algum momento do seu percurso escolar reprovaram (catorze dos vinte e cinco alunos), variando entre os treze e os dezasseis.

Em relação ao agregado familiar, quinze alunos vivem com ambos os pais, sendo que doze destes também têm irmãos no agregado. A viver com apenas um dos pais há sete alunos, dos quais três têm irmãos. Há ainda um discente que vive com a avó, um com a mãe, o padrasto e o irmão(a) e um com a mãe e os avós. Há assim nove alunos sem irmãos, quinze com apenas um irmão(a) e um com dois irmãos. A maior parte dos alunos vive em Coimbra ou nas periferias da cidade.

Em relação às disciplinas favoritas, treze apontaram a educação física e apenas dois apontaram como disciplina que menos gostam. Três alunos disseram ainda que uma das disciplinas em que têm maiores dificuldades é a educação física.

Nos tempos livres uma grande parte dos alunos diz praticar atividade física ou ir aos treinos das modalidades que praticam (nove alunos). As outras ocupações mais escolhidas foram ver televisão, estar no computador e telemóvel, com seis referências, “ler” e “videojogos”, ambos com cinco votos e ouvir música com quatro escolhas, tudo isto em vinte e cinco alunos (sendo que um aluno pode escolher várias ocupações).

Houve alunos que apresentaram dificuldades relativas a vários aspetos da saúde. Quatro alunos apresentaram dificuldades visuais, corrigidas através de óculos e lentes de

contacto e um apresentou dificuldades na fala. Em relação ao discente da fala houve um pedido por parte do diretor de turma para não descontar qualquer ponto nos testes teóricos por erros ortográficos. Houve ainda um cuidado especial com três alunos asmáticos, alunos com dificuldades respiratórias. Sempre que estes alunos tiveram dificuldades respiratórias durante a aula pararam de imediato o exercício e recorreram a bombas de asma, tendo resolvido assim a situação.

Na turma em questão cinco alunos praticam desporto federado (em vinte e cinco). As modalidades praticadas são a canoagem (uma resposta), o futsal (dois discentes), o hóquei (um aluno) e o futebol (também um aluno). Nenhum aluno está no desporto escolar. As modalidades com mais votos para favoritas são o basquetebol, a ginástica e o futsal. O futsal e a ginástica são em simultâneo as mais votadas nas modalidades que menos gostam, assim como o atletismo.

Dentro da turma há uma heterogeneidade em relação aos grupos de nível, com alunos com uma proficiência motora muito boa e alunos com alguma falta de pré-requisitos a nível motor que se traduzem em dificuldades a nível psicomotor específicas de cada uma das modalidades.

Tabela 3. Grupos de nível dos alunos nas modalidades lecionadas.

| | Ginástica Acrobática | Voleibol | Atletismo | Futsal | Andebol | Luta |
|---------------------|---------------------------------|-----------------|------------------|---------------|----------------|-------------|
| Introdutório | 0 | 1 | 2 | 4 | 0 | * |
| Elementar | 19 | 15 | 14 | 13 | 15 | * |
| Avançado | 6 | 9 | 9 | 8 | 10 | * |

Na ginástica acrobática apenas vinte e dois alunos foram à aula de avaliação diagnóstica, estando dezasseis alunos no nível elementar e seis no nível avançado, não existindo nenhum no introdutório. Na luta, como foi a primeira vez que todos os alunos tiveram contato com a modalidade e não sabiam nenhuma técnica, decidimos ver apenas os níveis de força dos testes de condição física dos alunos para utilizar como base de partida, assim como a altura e peso de cada aluno para definir as categorias de luta.

5. Análise reflexiva sobre a prática pedagógica

5.1. Planeamento

“A planificação e análise/avaliação do ensino são, justamente, necessidades e momentos desencadeadores de reflexão acerca da teoria e prática do ensino. Por isso mesmo, aumentam a competência didáctica e metodológica e geram segurança de acção.” (Bento, 2003, p.10)

Com esta citação entendemos um pouco da importância que o planeamento tem na prática docente de qualquer professor. Por ser tão importante e fundamental surge a necessidade de abordar o tema sempre que se fala de ensino. Para entendermos melhor a forma como planeámos cada um dos três níveis de planeamento, níveis definidos pelo mesmo autor como plano anual, plano de unidade didáctica e plano de aula, passamos a falar de cada um deles de uma forma mais detalhada.

5.1.1. Plano Anual

Segundo Bento (2003) o plano anual é um plano de perspectiva global, sem pormenores da atuação ao longo do ano, requerendo, no entanto, trabalhos preparatórios de análise e de balanço, assim como reflexões a curto prazo. O autor afirma que a elaboração do plano de aula constitui o primeiro passo do planeamento e preparação do ensino e traduz uma compreensão e domínio aprofundado dos objetivos e desenvolvimento da personalidade, bem como reflexões e noções acerca da organização correspondente do ensino no decurso do ano letivo.

Seguindo a ideia do autor, o plano anual consistiu na primeira atividade do género que nós planeámos, estudando o programa (PNEF – Programa nacional de Educação Física) e os seus objetivos, e fazendo também uma caracterização detalhada da escola e da turma. Para a construção deste documento tivemos ainda em conta as decisões coletivas do grupo de educação física. Foram assim formulados os objetivos anuais e

divididas as matérias e horas ao longo do ano. O documento permitiu desta forma conhecer todo o contexto onde desenvolvemos a nossa prática.

Em relação à escolha das modalidades a abordar no presente ano letivo o professor orientador de escola deixou ao critério de cada estagiário, à exceção da modalidade de ginástica e de atletismo que são obrigatórias na escola. Dentro do núcleo achámos por bem dar as mesmas modalidades às turmas dos mesmos anos, o que consistiu no primeiro critério de escolha. O segundo refere-se à tentativa de oferecer uma maior quantidade de estímulos com modalidades diferentes das que têm vindo a trabalhar todos os anos, como a ginástica acrobática e a luta. No seguimento deste último ainda houve a preocupação de trabalhar uma modalidade individual e coletiva por período. Por fim, foi necessário olhar para a rotação de espaços e ver o que é possível lecionar em cada um deles, assim como ver se há ou não material para ensinar uma determinada matéria. Após uma breve partilha de opiniões optámos por dar a ginástica acrobática, o voleibol, o atletismo, o futsal, o andebol e a luta nas turmas de nono ano. Nas turmas de décimo segundo ano o basquetebol substituiu o andebol. As modalidades foram dadas por blocos porque foi assim definido pelo núcleo de estágio, o que nos facilita o trabalho por permitir dar toda uma modalidade e depois começar uma nova, organizando melhor as aulas em termos de sequência temporal.

De referir que o plano anual feito para a turma do 9ºC apresenta um carácter aberto, passível de reajustamentos se necessário e conveniente, servindo apenas como base. A única decisão de ajustamento que fizemos no plano anual foi a escolha da luta como a última modalidade a lecionar, número seis. Esta decisão deveu-se ao facto de não estar prevista inicialmente a última rotação, o que significa lecionar apenas cinco modalidades em vez de seis.

5.1.2. Planeamento das Unidades Didáticas

“As unidades temáticas ou didáticas, ou ainda de matéria, são partes essenciais do programa de uma disciplina. Constituem unidades fundamentais e integrais do processo pedagógico e apresentam aos professores e alunos etapas claras e bem distintas de ensino e aprendizagem.” (Bento, 2003, p.75)

As unidades didáticas consistem no segundo nível de planeamento, sendo parte integrante do plano anual e servem de base para a preparação das diferentes aulas. Tal como aconteceu no plano anual na unidade didática também foram definidos objetivos, gerais e específicos, com base no Programa Nacional de Educação Física, que no fim são ou não conseguidos. De seguida fizemos a planificação do conteúdo, da matéria, e depois da planificação da configuração metodológica. Isto resultou numa unidade didática constituída da seguinte forma: Introdução; História da modalidade; Regras da modalidade; Conteúdos técnicos, onde definimos claramente o que se pretendeu que fosse ensinado, com os gestos técnicos, componentes críticas e erros mais comuns (e ajudas no caso da ginástica); regras de segurança, específicas da modalidade e gerais; caracterização dos recursos disponíveis (temporais, materiais e espaciais); caracterização da turma e análise de avaliação diagnóstica, que é um dos pontos fundamentais para a conceção do documento por possibilitar a contextualização do ensino; Objetivos gerais e específicos; estratégias de ensino, específicas da turma; Progressões pedagógicas; Avaliação (diagnóstica, formativa e sumativa); critérios de avaliação; extensão e sequenciação de conteúdos; bibliografia e anexos.

Na conceção das unidades didáticas houve alguma dificuldade na escolha dos exercícios, objetivos e progressões pedagógicas mais adequados às necessidades dos alunos, algo que foi resolvido através da pesquisa na bibliografia da modalidade, colaboração dentro do núcleo de estágio e da partilha de opiniões.

À semelhança do que aconteceu com o plano anual, a unidade didática não é um documento imutável que o professor deve seguir à risca, antes pelo contrário, é um documento flexível passível de ser reformulado se o contexto o proporcionar. Neste sentido também houve a necessidade de reformular, de ajustar, algumas unidades didáticas. Estas mudanças são explicadas detalhadamente no tópico respeitante às decisões de ajustamento.

5.1.3. Planos de Aula

Os planos de aula representam o último nível de planejamento, e consistem na concretização de cada unidade didática. As unidades didáticas, por sua vez, são elaboradas a partir do plano anual.

Segundo Bento (2003), a aula de educação física divide-se em três partes: parte preparatória, parte principal e parte final. Relativamente à parte introdutória acrescenta que não deve ser só o “aquecimento”, as tarefas devem criar uma situação pedagógica, psicológica e fisiológica, favorável à realização da função principal da aula. Relativamente à parte principal o autor refere a importância da mesma para transmitir os conteúdos propriamente ditos, uma vez que é nesta que as capacidades metodológicas são colocadas à prova. Em relação à última parte, refere apenas que é organizada do ponto de vista fisiológico, com retorno à calma, e com vista à criação de determinadas condições favoráveis às aprendizagens das disciplinas diretamente a seguir à educação física.

Neste sentido, o núcleo de estágio desenvolveu um plano de aula base com as três partes supracitadas, sendo que também tinha as tarefas/situações de aprendizagem, os objetivos específicos, a descrição da tarefa/forma organizativa, as componentes críticas/critérios de êxito e os estilos de ensino/estratégias de ensino, para além de uma tabela com toda a informação que permita identificar claramente a aula, o material necessário, o professor e a turma. No fim continha ainda um espaço destinado à fundamentação do plano de aula, onde eram justificadas todas as escolhas presentes no plano de aula e a sua sequência lógica.

A fase preparatória foi entendida como um período de preparação a nível psicológico e fisiológico, com um aquecimento mais geral e também com um aquecimento específico, como sugere o autor, para logo desde início criar a possibilidade da existência de momentos de aprendizagem, que têm uma sequência lógica, uma progressão para as atividades da parte principal/fundamental. Este aquecimento específico veio muitas vezes em forma de jogo lúdico para fomentar logo de início boa disposição e um bom clima de aula.

Na parte principal tentámos em todos os momentos ter uma sequência lógica, que acabou por ser sempre conseguida, que fosse a principal parte impulsionadora das aprendizagens, algo que também foi conseguido pelo tipo de exercícios escolhidos. Nas

modalidades coletivas os exercícios passaram essencialmente pelas situações de jogo reduzido, com as condicionantes e regras por nós pretendidas e que nos permitiram trabalhar o necessário para atingir os objetivos a que nos tínhamos proposto. Em escassas ocasiões foi necessário trabalhar alguns gestos técnicos analiticamente, principalmente com os alunos de nível introdutório ou elementar (progressões pedagógicas). Nas modalidades individuais houve algumas diferenças. Na ginástica acrobática trabalhou-se em grupos previamente definidos. Cada grupo teve, na parte fundamental, de executar um conjunto de imagens e de as trabalhar de forma a encaixar numa sequência gímnica. No atletismo também houve trabalho por grupos mas estes não eram fixos, todos os exercícios tinham a vertente competitiva entre pares, mas o mais importante foi sempre melhorar as marcas pessoais. Cada aluno teve de passar por todas as estações durante um tempo definido, num sistema de rotação, que correspondiam a cada uma das modalidades do atletismo que foram abordadas. Na luta, a parte fundamental serviu para introduzir, exercitar e consolidar algumas técnicas nas primeiras aulas e depois para passar aos torneios em si, entre alunos da mesma categoria (definida através do peso e altura).

Na parte final, planeámos em todas as aulas um retorno à calma para fazer o organismo retornar a níveis basais e para que os alunos pudessem prosseguir para outra aula prontos para novas aprendizagens. Para além disso, foi planeada uma reflexão sobre a aula e a transmissão dos objetivos da próxima sessão, para situar os alunos em relação às suas aprendizagens e o que vai ser feito para melhorar os seus níveis de performance. De referir ainda que os estilos de ensino mais utilizados foram os estilos por comando, tarefas e descoberta guiada.

5.2. Realização

No seguimento do planeamento surge naturalmente a realização. Esta realização engloba algumas dimensões pedagógicas, como a instrução, a gestão e o clima e disciplina. Engloba ainda as decisões de ajustamento. Fazendo um pouco da contextualização teórica, segundo Siedentop (1998) o professor eficaz dedica o maior tempo possível à matéria, comunica as tarefas e explica as suas funções/objetivos, organiza tudo para obter o maior tempo possível de trabalho dos alunos, planeia tarefas com significado que apresentam uma boa possibilidade de êxito, supervisiona ativamente

todo o trabalho dos alunos e é claro, animado e entusiasta. Foi a partir das afirmações deste autor que planeámos muita da atividade docente.

5.2.1. Instrução

A dimensão instrução assume uma importância muito grande, porque é com os seus elementos que transmitimos os conhecimentos aos alunos. Estes elementos são as preleções, os momentos de instrução, o *feedback*, a demonstração e o questionamento.

Em relação à preleção temos dois momentos previamente definidos, um inicial e um final. As preleções foram feitas especificamente nestes momentos por uma questão de organização, mas também devido às características dos alunos, isto é, os alunos já revelavam alguma dificuldade de concentração, ao fazer as preleções mais vezes durante a aula, com o cansaço, esta dificuldade é acentuada e surge a necessidade de repetir a informação, perdendo tempo de empenhamento motor específico. Desta forma este problema foi colmatado.

Na preleção inicial decidimos relembrar os conteúdos das aulas anteriores e explicar os objetivos pretendidos e a forma organizativa da aula logo no início da mesma, explicando um pouco mais em profundidade o que ia ser trabalhado e o que se pretendia porque o foco atencional dos alunos era maior nesta fase. Estas foram feitas ao mesmo tempo que os alunos faziam o aquecimento geral (a parte da mobilização articular), para ganhar tempo na parte fundamental da aula onde havia um grande tempo de empenhamento motor e conseqüente aprendizagem, e para que não se dispersassem com conversas paralelas que poderiam levar a comportamentos inadequados.

Na preleção final foi feita sempre uma pequena reflexão da aula, dos conteúdos nela abordados e muito sumariamente uma exposição dos objetivos da próxima aula, tirando dúvidas se necessário (relativas à aula em questão ou à seguinte). Foi aqui que se falou dos pontos fortes e aspetos a melhorar no global da turma. O objetivo era também promover um certo sentido de reflexão nos alunos e fazer com que eles comesçassem a ter uma certa noção do trabalho que desenvolveram. Esta conversa final foi feita sempre enquanto os alongamentos eram dados, que consistiam no retorno à calma, mais uma vez, para ganhar tempo de aula na parte fundamental.

A introdução de novos conteúdos seguiu a mesma lógica que as preleções iniciais no momento da sua aplicação. Foi feita maioritariamente na fase inicial da parte fundamental do plano de aula, mais uma vez, porque o foco atencional dos alunos ainda apresentava níveis satisfatórios e não se notava um desgaste causado pelo cansaço. Para além disso, ao ser aplicada logo no início, houve sempre tempo suficiente para exercitar o que foi introduzido.

O questionamento foi também utilizado algumas vezes ao longo do ano letivo com o objetivo de promover uma atitude reflexiva por parte dos alunos, para conferir se estavam ou não com atenção e para saber se a informação foi transmitida de forma eficaz. Foi utilizado principalmente na parte fundamental da aula, mas também na parte final (na reflexão final). Tentámos em todos os momentos referir quem é o interrogado *a posteriori*, para chamar a atenção de todos os discentes e para que todos pensassem na resposta à questão, dar um tempo de resposta adequado e valorizar as respostas.

Segundo Siedentop (1998) o *feedback* é necessário para aprender, e acrescenta ainda que quanto mais preciso seja, maior será a rapidez de aprendizagem. Reconhecida a importância, o *feedback* pedagógico foi mais uma técnica a que recorremos constantemente, tentando fechar sempre os ciclos do mesmo e variar na sua tipologia. Este foi utilizado com o intuito de instruir um ou mais alunos, corrigindo um certo aspeto na sua prestação depois de detetar o erro e de o transmitir ao aluno, e também como forma de motivar os discentes, através do *feedback* de reforço positivo. A tipologia do *feedback* dependeu muito das modalidades e das características e comportamentos dos alunos. Na ginástica acrobática recorremos essencialmente ao *feedback* corretivo interrogativo, para dar pistas aos alunos acerca das respostas que tinham de encontrar, que a par do estilo de ensino da descoberta guiada, e completando-o, consistiu numa das principais estratégias de ensino na modalidade. Os *feedback* corretivos prescritivos e descritivos foram utilizados em todas as modalidades, sendo os prescritivos os mais escolhidos por proporcionarem melhores aprendizagens aos alunos. Os restantes também foram utilizados em todas as aulas mas em momentos muito específicos. Os avaliativos positivos foram escolhidos para reforçar comportamentos desejáveis e os negativos com o efeito contrário. Os *feedback* organizativos/disciplinares surgiram apenas quando houve a necessidade de reorganizar uma ou mais tarefas ou quando sentimos que devíamos disciplinar um aluno que teve comportamentos inadequados.

A demonstração foi utilizada sempre que introduzimos um exercício novo e como complemento às instruções que fomos dando. Basicamente recorremos a esta estratégia sempre que houve necessidade de criar uma imagem do que se pretendeu, um modelo, ou para orientar o aquecimento ou retorno à calma. Utilizou-se sempre um aluno com um elevado nível de proficiência motora como agente de ensino para que fosse possível completar com instrução verbal, corrigindo o que havia para corrigir. Valorizou-se sempre o modelo positivamente e explicou-se os critérios de êxito da tarefa. Sempre que necessário fez-se a demonstração numa velocidade mais lenta, acabando com uma repetição à velocidade normal. Houve também a preocupação de manter todos os alunos posicionados de maneira a que conseguissem ver o modelo.

Na dimensão instrução surgiram algumas dificuldades. A maior parte delas dizem respeito às conversas constantes que alguns alunos iam tendo em simultâneo aos momentos de instrução ou qualquer preleção, perturbando a aula, o que levou em vários casos à necessidade de reformular a informação dada até ao momento. Assim, a maior dificuldade foi manter os alunos sempre atentos durante um certo período de tempo suficiente para transmitir a informação prevista. Houve a tentativa de usar uma linguagem adequada e compreensível para os alunos, ser audível e claro em todos os momentos e questionar os discentes acerca de eventuais dúvidas para evitar futuras paragens no tempo dedicado à prática.

5.2.2. Gestão

Em relação à dimensão gestão o principal objetivo foi otimizar o tempo de empenhamento motor específico por considerar que quanto maior o tempo em prática, partindo do princípio que é de qualidade, maior será o leque de aprendizagens conseguidas pelos alunos. Para conseguir aumentar o tempo de prática seguimos um conjunto de técnicas, muitas delas respeitantes às restantes dimensões pedagógicas e referidas nas mesmas. No entanto, importa referir que o planeamento prévio em casa, o plano de aula, feito com a devida antecedência, e a preparação das preleções contribuiu em muito para uma gestão eficaz, tendo rotinas estruturadas que rapidamente foram impostas aos alunos, que as seguiram desde o primeiro momento. Com este planeamento também foram previstos algumas situações que podiam condicionar a aula de certa forma,

sendo mais um elemento a favor. A elaboração de grupos de trabalho e a rápida montagem de material e do espaço destinado à aula também resultaram e influenciaram positivamente uma boa gestão. Tentámos ser objetivos em todas as intervenções e diminuir o tempo de transições ao máximo através de estratégias de contagem decrescente (com 5 ou 10 segundos dependendo da distância a que se encontravam). Nas modalidades coletivas com bola sempre que parava o jogo pedia para guardarem as bolas no carro ou por baixo do braço, dependendo das situações, para evitar possíveis distrações e perdas de tempo. Todas estas estratégias permitiram elevar o tempo de empenhamento motor específico.

Tal como na instrução, na gestão também surgiram algumas dificuldades, principalmente nas modalidades que os alunos menos gostavam. Algumas vezes, ao chamar e fazer a contagem decrescente certos alunos vinham a andar e a perder uma grande quantidade de tempo, apresentando também uma atitude mais passiva nos momentos de prática. Estes problemas acabaram por ser resolvidos com exercícios mais motivadores e algumas estratégias de correção de comportamento que passaram muito pela arrumação do material no final da aula.

5.2.3. Clima/Disciplina

Todas as dimensões pedagógicas se influenciam mutuamente, mas o clima e a disciplina são talvez as que mais beneficiam ou são afetadas pelas restantes. Para que haja um bom clima de aula à partida tem de existir uma boa relação entre agentes de ensino, que houve entre professor e alunos mas não tanto entre um grupo de três alunas. Para colmatar esta situação, onde apesar de nunca ter acontecido um episódio mais desagradável nas aulas notava-se algum mau estar entre as envolvidas, a única estratégia que resultou foi não as juntar no mesmo grupo de trabalho. Esta estratégia foi aconselhada pelo diretor de turma depois de constatar que foi impossível fazer as alunas trabalhar juntas em qualquer uma das disciplinas. Outra das condições para um bom clima é a ausência de comportamentos inadequados, o que se verificou em grande parte. Aconteceram alguns comportamentos menos apropriados mas foram praticamente todos sem grande relevância, não existindo nenhum mais grave durante a aula de educação física. A grande maioria destes comportamentos foram resolvidos com chamadas de

atenção e com a escolha desses discentes para arrumar o material no fim da aula (nas aulas em que não se verificou comportamentos inadequados essa responsabilidade foi de todos os alunos). Sempre que foi possível ignorar certos comportamentos sem quase nenhuma gravidade decidimos fazê-lo para não perturbar mais a aula. A forma como resolvemos estes casos foi a que achámos mais adequada para fomentar uma melhoria a nível comportamental significativa, tentando consciencializar o aluno para o que acabou de fazer e tentar induzir-lhe um sentido de reflexão sobre o assunto, para que corrija o seu próprio comportamento.

5.2.4. Decisões de Ajustamento

Ao longo do processo ensino-aprendizagem por vezes há a necessidade de fazer decisões de ajustamento, impostas por uma grande quantidade de condicionantes. Estas podem ser temporais, espaciais, meteorológicas ou de outro tipo não dependente de agentes de ensino. Podem ainda ser formas de adaptar o ensino ao contexto turma, às reações, aos comportamentos, ao *feedback* dado pelo aluno numa determinada situação, aos seus desempenhos, ou seja, podem ser impostas diretamente pelos agentes de ensino. Neste sentido, o professor deve ser capaz, em todos os momentos da sua ação enquanto pedagogo, de adaptar todo o seu planeamento ao contexto, seja o que foi previsto na unidade didática ou no plano de aula, de mudar um certo exercício, aumentar ou diminuir o seu tempo ou ajustar qualquer outra coisa que, naquela situação específica, cria melhores condições, o máximo de oportunidades possíveis, para que ocorra ensino e aprendizagem, e para levar os alunos a um estado de maior cultura respeitante à educação física, seja ela motora ou cognitiva.

Durante o ano houve a necessidade de realizar decisões de ajustamento em praticamente todas as aulas, principalmente pelas faltas dos alunos, que obrigaram a reformular grupos já definidos inúmeras vezes e a adaptar exercícios ao número de alunos em prática.

Na ginástica acrobática as decisões de ajustamento passaram por reformular os grupos que tínhamos definido através da avaliação diagnóstica ao longo das aulas, acabando por seleccionar os alunos com menor assiduidade e inseri-los em grupos mais numerosos para que os seus pares conseguissem trabalhar em todas as aulas.

No voleibol tínhamos planeado fazer um torneio intra-turma durante toda a unidade didática, abordando todos os gestos técnicos em contexto de jogo reduzido, algo que foi impossível pelas faltas de vários alunos, que deixavam as suas equipas com jogadores a menos constantemente, e depois pelos níveis de desempenho que foram tendo, o que nos obrigou a fazer equipas todas as aulas e a reduzir o número de jogadores por grupo, para que toda a gente tivesse mais estímulos acompanhado de feedbacks.

No atletismo, as decisões de ajustamento foram impostas exclusivamente pelas condições climáticas. O espaço que nos foi atribuído aquando do lecionar da unidade didática em questão foi no exterior e, com a chuva, levou a mudanças de espaço constantes, muitas vezes para a sala de ginástica, onde a única modalidade do atletismo possível de fazer foi o salto em altura, que ao não estar prevista na unidade didática, veio substituir o salto em comprimento. Quando tivemos acesso a um terço do pavilhão gimnodesportivo foi possível trabalhar todas as outras matérias (à exceção do salto em comprimento), embora com espaços mais reduzidos e exercícios adaptados a essas condições.

No futsal houve decisões de ajustamento semelhantes às do voleibol, tivemos de deixar de fazer o torneio intra-turma planeado anteriormente pelas faltas contantes dos alunos e pelas prestações motoras que alguns discentes apresentaram. Por outro lado, também tivemos de fazer uma adaptação de exercícios a espaços novos devido à chuva, assim como no atletismo.

No andebol não pensámos em seguir a mesma estratégia que no voleibol e futsal porque já se sabia que as faltas iam impedir um torneio ao longo de toda a unidade didática e, por isso, logo desde início os grupos foram constituídos em cada aula (sempre com uma base definida com os alunos sempre presentes), assim como planeado na unidade didática. Neste caso já estávamos à espera deste ajustamento, tendo sido devidamente planeada uma estratégia para o colmatar.

Em todos os dias com probabilidade de chuva, ou com possíveis espaços exteriores (a nós destinados) impraticáveis, planeámos as adaptações que foram possíveis, sendo que não sabíamos os espaços que nos foram depois indicados nem o material disponível (para o caso de ter de mudar de matéria, o que aconteceu com o salto em altura). Todas as outras decisões de ajustamento não foram planeadas (à exceção da questão dos grupos no andebol) e tiveram lugar na aula específica. De referir ainda que

existiram vários ajustamentos que tiveram origem nas reflexões feitas pelo orientador e colegas de estágio no fim de cada uma das aulas, nas suas opiniões e sugestões para que a qualidade da intervenção pedagógica fosse maior.

5.3. Avaliação

O trabalho de um professor não é só ensinar no sentido de transmitir conhecimentos, é necessário saber se esses conhecimentos foram ou não adquiridos pelos alunos. Para além disso, para que esse trabalho seja facilitado, é necessário ter um feedback da ação pedagógica, ver se as estratégias, as progressões pedagógicas, o conteúdo a ensinar, os objetivos, são ou não adequados ao contexto turma. É necessário verificar se está tudo a funcionar ou se é preciso alterar algo, e tudo isto é conseguido através da avaliação, que assim assume um papel importantíssimo na prática pedagógica e torna-se essencial no processo de ensino-aprendizagem. É um meio de obter informações acerca da prestação dos alunos e do professor, cada um naquilo que lhe diz respeito.

Na elaboração dos instrumentos de avaliação usados, respeitámos alguns critérios. Estes critérios estão ligados ao Plano Nacional de Educação Física, às normas impostas pelo grupo de educação física, ao contexto escola (condições da escola) e ao contexto turma. Estes instrumentos foram elaborados para momentos diferentes e aplicados nesses momentos, seguindo uma sequência lógica: O primeiro momento diz respeito ao início de cada unidade didática (UD) e consiste na avaliação diagnóstica; o segundo momento contempla todas as aulas da UD entre a avaliação diagnóstica e a avaliação sumativa, consistindo na avaliação formativa; o terceiro e último momento diz respeito ao final de cada UD e compreende a avaliação sumativa.

De referir que estas grelhas, que possuem os gestos técnicos e/ou táticos ou técnico-táticos a avaliar e os critérios de êxito para os mesmos, ajudam essencialmente na avaliação da dimensão psicomotora respeitante à parte das modalidades (60% da nota final), sendo que para a parte psicomotora da condição física (10%), para a componente afetiva (20%) e para a cognitiva (10%) já havia critérios definidos pelo grupo de educação física. A avaliação da condição física foi feita uma vez por período para ver se havia ou não melhorias na condição física dos alunos (no fim provou-se uma evolução significativa

na grande maioria da turma), assim como a avaliação da parte socio afetiva. A componente cognitiva foi avaliada através de testes escritos sobre cada modalidade, uma decisão que veio do núcleo de estágio para facilitar a avaliação desta dimensão, pela diminuição de momentos de avaliação e pelo facto do conhecimento ficar apontado numa folha fácil de avaliar (onde já existem critérios de correção definidos também pelo núcleo).

5.3.1. Avaliação Diagnóstica

A avaliação diagnóstica foi feita nos dois primeiros tempos de cada unidade didática (UD), que correspondem à primeira aula e à parte inicial da segunda, à exceção da avaliação da UD de Futsal, que foi feita apenas na primeira, por ser uma aula de noventa minutos (dois tempos). A razão pela qual fizemos a avaliação diagnóstica de todas as outras modalidades em duas aulas deve-se ao facto de acharmos que o tempo útil de apenas um tempo (45 min. – tempo útil é de cerca de 20 min) não era o suficiente para avaliar da melhor forma todos os alunos da turma.

A avaliação foi realizada através da observação direta e recorremos a um instrumento de avaliação, uma grelha de avaliação, para facilitar o trabalho e para que os dados correspondessem ao real nível de cada aluno para desenvolver todo o planeamento dentro do contexto turma. As categorias são: NE – O aluno não executa ou executa com grandes dificuldades, não cumprindo com a maior parte das componentes críticas; E – O aluno executa o gesto técnico com algumas dificuldades, não cumprindo com algumas componentes críticas; EB – O aluno executa o gesto com grande correção técnica, cumprindo com a maioria ou totalidade das componentes críticas.

A grelha foi sempre acompanhada por um quadro com as diferentes componentes críticas, os comportamentos esperados pelos alunos, no verso da mesma, para facilitar a categorização dos alunos ao comparar o observado e o esperado.

Esta avaliação, no caso dos desportos coletivos, foi realizada em situação de jogo. Nestes casos apenas recorremos a situações mais analíticas se o gesto a ser avaliado não foi realizado pelos alunos em jogo.

A avaliação focava as habilidades que nós, núcleo de estágio, achámos serem as base e essenciais para desenvolver todo o trabalho na unidade didática.

Com os resultados desta avaliação houve uma formação de grupos de nível, com base nas dificuldades dos alunos, que permitiu adaptar todo o planeamento ao contexto turma, nomeadamente na escolha de exercícios, progressões pedagógicas, tipo de feedback mais adequado e forma organizativa da aula, basicamente foi a base de todo o planeamento a nível meso e micro, isto é, unidade didática e planos de aula.

É importante referir que apesar de ser uma aula de avaliação diagnóstica é também uma aula “normal” de educação física, no sentido em que ocorre ensino e aprendizagem, há feedbacks prescritivos e corretivos, há situações de aprendizagem desenhadas de maneira a criar o maior número de oportunidades para o desenvolvimento dos alunos, há efetivamente objetivos de aprendizagem e situações criadas para os atingir.

5.3.2. Avaliação Formativa

A avaliação formativa é talvez a que assume uma maior importância porque tem um carácter contínuo e sistemático, o que é corroborado por Siedentop (1998) quando diz que o professor eficaz põe em marcha um sistema de avaliação que se aplica de maneira constante. Esta avaliação permite a constante adaptação do ensino ao contexto turma e a consequente melhora do processo ensino-aprendizagem, que como consequência traz melhores resultados.

Começámos a avaliação formativa a partir do momento em que terminámos a diagnóstica, vendo desde o primeiro momento as dificuldades dos alunos, a forma como eles respondiam aos exercícios e às situações criadas para os estimular, tomando muitas notas ao longo de todo o processo, algumas vezes logo após a observação ainda dentro da aula e muitas vezes no término da mesma (mais informal), enquanto a informação ainda era clara. Utilizámos uma grelha em tudo semelhante à formativa mas com um anexo que permitia descrever toda a informação recolhida para que a partir da mesma conseguíssemos orientar a nossa prática pedagógica da melhor forma e ter em conta tudo o que foi observado. Assim, o objetivo foi recolher o máximo de informação, o mais detalhada possível, acerca de cada aluno para poder desenvolver estratégias e planear todos os momentos das aulas levando os discentes a uma maior estado de conhecimento,

para saber essencialmente “onde estamos”, “para onde temos de ir” e “como temos de fazer para lá chegar”.

Esta informação foi relativa aos três grandes domínios, ao psicomotor através das prestações motoras, ao cognitivo através de questões acerca da modalidade em questão e ao socio afetivo através da observação das atitudes e dos comportamentos.

A principal estratégia utilizada foi a utilização do *feedback* pedagógico que considerámos mais adequado a cada aluno, para além de todo o planeamento previamente refletido e fundamentado tendo em conta toda a informação recolhida.

Por fim, importa referir que as reflexões feitas no final de cada aula pelos colegas e orientador de estágio em reuniões informais de núcleo e as reflexões feitas no final de cada aula, que são parte integrante do dossiê de estágio também permitiram a recolha de dados relativos à avaliação formativa, que dizem respeito não só aos alunos mas também à prática docente, até porque não deixa de ser um agente de ensino sempre em formação à procura de melhorar a prática pedagógica.

5.3.3. Avaliação Sumativa

A avaliação sumativa foi feita na última ou últimas duas aulas de cada unidade didática utilizando um grelha como instrumento de avaliação constituída pelos nomes dos alunos, pelos gestos técnico/táticos e pelas componentes críticas dos mesmos. Para cada componente crítica foi atribuído um NE – não executa ou um E – executa que, no fim, correspondia a uma nota de um a cinco valores. Esta foi a forma mais adequada que encontrámos para avaliar todos os alunos em todos os aspetos dentro do tempo disponível para o fazer. Outra das coisas que ajudou nesta avaliação final foi os dados da avaliação formativa, tendo só a necessidade de confirmar esses dados e classificar assim os alunos. Toda esta avaliação foi realizada no mesmo contexto que todas as aulas de exercitação e consolidação, utilizando o mesmo tipo de exercícios e forma organizativa da aula, deixando os discentes à vontade e mantendo uma avaliação fiel e adequada áquilo que foi ensinado e à maneira que foi ensinado, não fazendo sentido ser de outra maneira.

A nota final (que advém da avaliação sumativa) resulta da prestação de cada aluno no conjunto dos domínios, contemplando os resultados práticos obtidos nas duas modalidades dadas em cada período, fazendo uma média das duas (60%), os resultados

dos testes físicos (10%), os dos teóricos (componente cognitiva – 10%) e os do domínio socio afetivo (20%) através da análise da pontualidade, assiduidade, empenho, disciplina e cooperação. A fórmula foi desenvolvida pelo grupo de educação física e é a seguinte: domínio cognitivo x 0,2 + média das modalidades x 0,6 + condição física x 0,1 + média da nota dos testes x 0,1. Tanto a média das modalidades como as dos testes incluem todas as modalidades até ao momento, incluindo as dos períodos anteriores no caso do segundo e terceiro período. A condição física e o domínio socio afetivo são específicos de cada período.

Importa ainda referir o facto de apesar de ser uma aula de avaliação sumativa houve uma preocupação em continuar a ensinar e a fazer o trabalho de pedagogo, ao dar *feedback* prescritivos e corretivos e a instruir se necessário, um pouco à semelhança do que também aconteceu nas aulas de avaliação diagnóstica. Isto porque apesar da necessidade de existir uma avaliação há um dever de ensinar os alunos até ao fim das aulas.

5.3.4. Autoavaliação

A autoavaliação foi realizada no final de cada unidade didática para entender qual a perceção do aluno em relação ao seu desempenho na modalidade em questão.

Para que conseguíssemos fazer esta avaliação recorreremos a um instrumento com um gráfico onde os alunos situavam o seu nível de desempenho em todas as componentes dos vários domínios. Este instrumento foi realizado pelo núcleo de estágio. Como referido anteriormente, os dados daqui recolhidos foram usados para ver a perceção que os alunos tinham em relação ao seu desempenho, mas também para verificar possíveis discrepâncias entre a autoavaliação e a heteroavaliação e perceber o porquê (algo que não aconteceu), e para e a correta utilização de estilos de ensino onde a perceção do próprio nível por parte dos alunos é essencial (não chegaram a ser utilizados).

6. Componente Ético-Profissional

Ao longo de todo o tempo do estágio pedagógico houve uma procura para ser sempre um exemplo no que diz respeito aos valores e atitudes, tentando em simultâneo

transmiti-los aos alunos. No que diz respeito à assiduidade e pontualidade existiu sempre um grande cuidado, tendo chegado em todos os momentos a horas. A nível de equipamento também houve um sentido de responsabilidade grande, tendo estado sempre com o equipamento adequado em todas as aulas. Para além disso, outro aspeto de relevo, foi o respeito que houve sempre para com todos os agentes de ensino.

Houve um compromisso com diversas coisas: a primeira foi com as aprendizagens dos alunos, promovendo a diferenciação da aprendizagem, uma perspetiva inclusiva na totalidade das aulas perante todos os discentes e promovendo o sucesso; a segunda foi com as minhas próprias aprendizagens, tomando consciência dos meus pontos fortes e fracos, saber onde estou em relação a certos conhecimentos, a onde quero chegar e como devo de fazer para lá chegar (através da prática docente e da pesquisa em bibliografia da área).

Considero ainda que apesar da minha inexperiência era e sou possuidor de cultura geral e específica do ensino da educação física, procurando sempre a minha própria formação e conseqüente desenvolvimento profissional. Mostrei sempre uma grande capacidade de iniciativa e sentido de responsabilidade, mostrando-me sempre disponível para os alunos e/ou escola, para trabalhar em equipa, para inovar (tendo como base a cultura pré-adquirida) e para refletir sobre todos os problemas e encontrar soluções para os mesmos.

No seguimento do que foi acima mencionado, posso dizer que houve uma comparência, voluntária após pedido do professor titular, num torneio de desporto escolar de badminton, substituindo a professora responsável pela modalidade que teve de ir com outros escalões para uma escola diferente. Também marquei presença numa atividade de escalada e noutra de canoagem para turmas do 6ºano, auxiliando o docente em questão, e num acampamento com alunos do 7º ao 9º ano intitulado de férias desportivas, auxiliando os professores organizadores na organização e promoção de uma boa atividade. Para além destas atividades de escola, participei ainda no Fórum Internacional das Ciências da Educação Física (FICEF), nas Jornadas Científico-Pedagógicas e na Oficina de Ideias (atividade realizada na Escola Secundária Avelar Brotero, organizada pelo núcleo de estágio de educação física da escola em questão).

7. Importância do trabalho individual e de grupo

No estágio pedagógico trabalhamos muitas vezes em grupo, seja a fazer certos documentos seja a refletir sobre as práticas pedagógicas ou refletir sobre os pontos positivos e negativos na prestação de cada um enquanto docente numa perspectiva construtivista, para levar a uma melhoria. É certo que este trabalho assume uma extrema importância ao diminuir de certa forma a carga de trabalho de cada um na discussão e partilha de opiniões acerca de um certo assunto, na reflexão de vários aspetos relacionados com o ensino em grupo, mesmo que cada um tenha opiniões diferentes.

Em paralelo ao trabalho de grupo temos o trabalho individual, que pode estar relacionado ou não com o de grupo. Cada estagiário deve ser capaz de desenvolver o seu próprio trabalho no seu contexto turma, muitas vezes refletir sobre a sua prática pedagógica a partir das reflexões que tiveram lugar em grupo. Este desenvolvimento do trabalho foi conseguido com a ajuda de todos os colegas e professores de núcleo de estágio.

8. Aprofundamento do tema/problema

Título: A Diferença do *feedback* dado a alunos de diferentes géneros, com idades entre os 14 e os 16 anos.

Introdução

O presente estudo visa saber se existe diferenças no *feedback* dado a alunos de diferentes géneros. Este foi feito com uma amostra de vinte e cinco alunos na Escola Básica e Secundária Quinta das Flores, encaixando-se num projeto de investigação-ação, isto é, com as conclusões que retirar vou tentar mudar a minha prática pedagógica se realmente se observar diferenças não devidamente fundamentadas. Este ponto é também resposta à pertinência do estudo.

O *feedback* assume uma importância muito importante, algo que alguns teóricos fundamentam através dos seus estudos. Segundo Quina, Costa e Diniz (1995), o *feedback* pedagógico proporciona informações relativas à execução de um determinado movimento. São estas informações que vão posteriormente construir um referencial fundamental, para a avaliação da execução do movimento e/ou eventuais correções. Já McGown (1991) diz que o *feedback* é a informação que se obtém após uma resposta, e é geralmente vista como a mais importante variável que determina a aprendizagem, logo a seguir à prática propriamente dita. No seguimento do que foi supra referido percebe-se então a pertinência do estudo.

Em avaliação e comparação vão estar a quantidade dos *feedback* dados, o conteúdo dos mesmos, o objetivo e a afetividade. A discussão dos dados foi feita tendo como base alguns valores de alguns autores, nomeadamente R. Pestana (2006) e Sequeira & Rodrigues (2004).

Objetivos

O objetivo do estudo é saber se existe uma diferença no *feedback* dado entre géneros, caracterizando-o primeiro numa modalidade individual (atletismo) e depois numa coletiva (futsal).

Metodologia

Método:

Recolha de *feedback* utilizando uma grelha que tem por base o sistema de observação do comportamento do professor, que tem por objetivo avaliar a qualidade do seu *feedback* e caracterizar assim a prestação do mesmo. O tratamento de dados foi feito utilizando procedimentos estatísticos.

Amostra:

O estudo conta com uma amostra de um (n=1) professor estagiário, mestrando no curso de Mestrado em Ensino da Educação Física nos Ciclos Básico e Secundário da Faculdade de Ciências do Desporto e Educação Física da Universidade de Coimbra.

Conta ainda com vinte e cinco (n=25) alunos do nono ano do ensino básico (3º ciclo) da escola básica e secundária Quinta das Flores - Coimbra, dos quais onze (n=11) são de género masculino e catorze de género feminino (n=14), alunos pertencente à turma do professor em questão.

Procedimento:

Os dados foram recolhidos ao longo de trinta (n=30) períodos de quarenta e cinco minutos cada (duas unidades didáticas). A recolha de dados foi feita *in loco* por outro estagiário do mesmo núcleo, através de uma grelha onde se apontou o *feedback* e a quem foi dado o *feedback* (M – masculino; F – feminino), analisada posteriormente pelo professor estagiário titular de turma e parte integrante da amostra.

Apresentação e discussão dos resultados

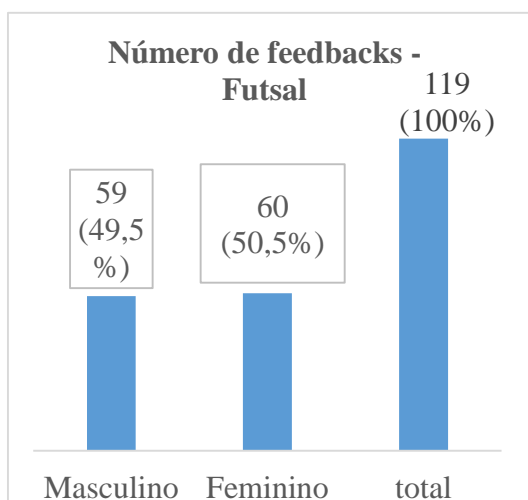


Gráfico 1. N° de Feedback – Futsal

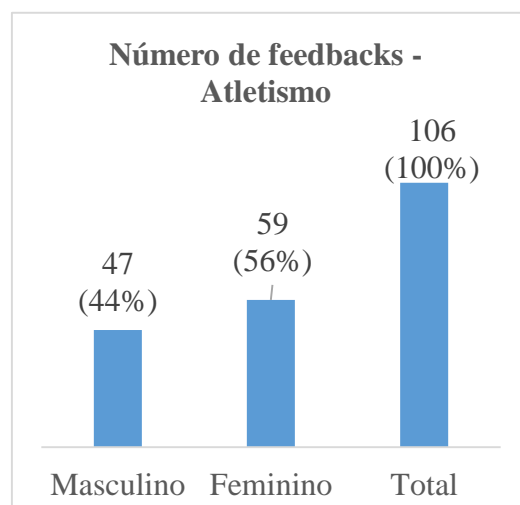


Gráfico 2. N° de Feedback - Atletismo

Na modalidade coletiva (futsal) o número de *feedback* dado foi praticamente igual se compararmos alunos de diferentes géneros. Aos alunos de sexo masculino foram dados 59 *feedback*, que correspondem a uma percentagem de 49,5%, e aos discentes de sexo feminino foram dados 60 *feedback*, que em percentagem significa 50,5% do *feedback* individual total dado. Na modalidade individual (atletismo) também houve um equilíbrio do *feedback* dado, apesar de a diferença ser mais significativa, desta feita com uma diferença de 12%, tendo o género feminino usufruído de um maior número de *feedback* (59) em comparação ao masculino (47).

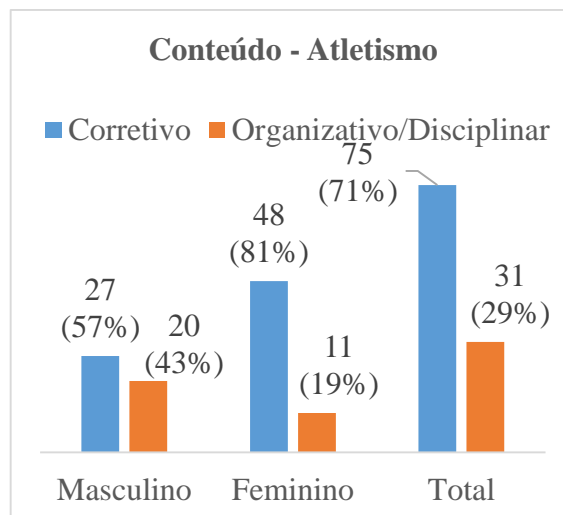
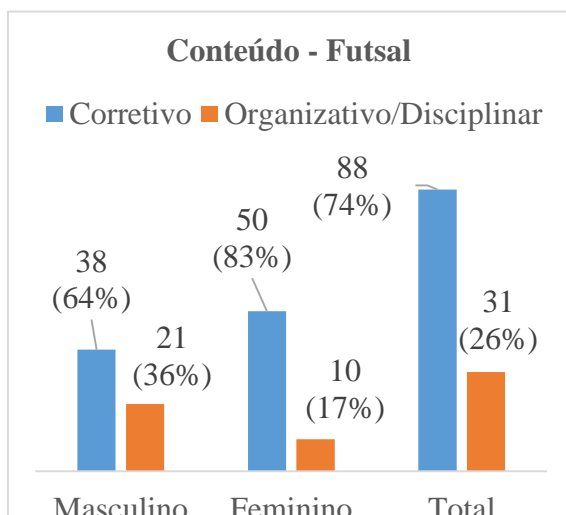


Gráfico 3. Conteúdo do FB – Futsal

Gráfico 4. Conteúdo do FB -Atletismo

No que concerne ao conteúdo do *feedback*, observa-se uma predominância do corretivo em relação ao organizativo/disciplinar (88% e 31% respectivamente – futsal; 71% e 31% respectivamente – atletismo). Se analisarmos os gráficos vemos ainda que a diferença varia entre alunos de diferentes gêneros. Aos alunos de gênero masculino foram dados mais *feedback* disciplinares que aos de gênero feminino, 21 no futsal (36%) e 20 no atletismo (43%) contra apenas 10 (17%) no futsal e 11 (19%) no atletismo. Os papéis invertem-se quando se fala de *feedback* corretivos, com 38 (64%) no futsal e 27 (57%) nos rapazes, e 50 (83%) e 48 (81%) nas raparigas. Isto deve-se ao facto de, na turma em questão, os alunos de gênero masculino serem mais desestabilizadores, com muito mais comportamentos inadequados durante as aulas que requerem uma advertência ou sinal de reprovação, que corresponde a um maior número de *feedback* organizativos/disciplinares e consequentemente percentagens não tão discrepantes entre os dois tipos de *feedback* em questão. Para além disso, como o nível de proficiência motora médio é menor nos discentes do gênero feminino, estes precisam de uma maior quantidade de *feedback* corretivos.

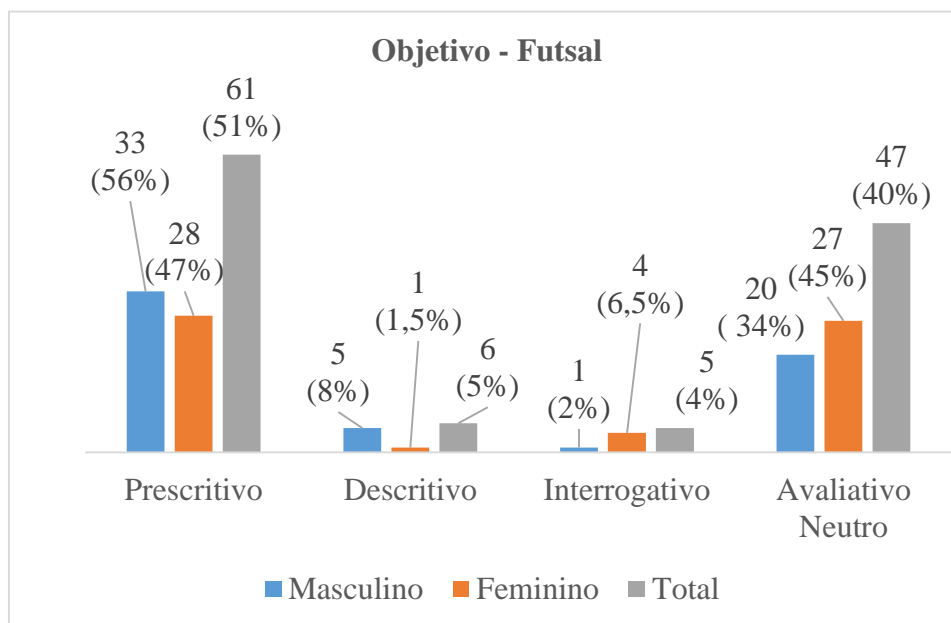


Gráfico 5. Objetivo do FB - Futsal

Relativamente ao objetivo do *feedback*, na modalidade de futsal, podemos observar que há um maior número de prescritivos, 61 *feedback* – 51%, seguido pelos avaliativos neutros, 47 *feedback* – 40%, pelos descritivos, 6 *feedback* – 5%, e finalmente pelos interrogativos, 5 *feedback* – 4%. Comparando resultados entre géneros, verifica-se que aos rapazes é dado um maior número de *feedback* prescritivos, 33 *feedbacks* – 56%, em relação às raparigas, 28 *feedbacks* – 47%, que pelo contrário receberam mais avaliativos neutros, 27 *feedbacks* – 45%, quando os representantes masculinos receberam apenas 20 - 34%. Em relação às últimas categorias, descritivos e interrogativos, os papéis também se invertem. Foram dados mais *feedback* descritivos ao género masculino, 5 – 8% contra 1 – 2% do género feminino, e menos interrogativos, 1 – 1,5% contra 4 – 6,5%.

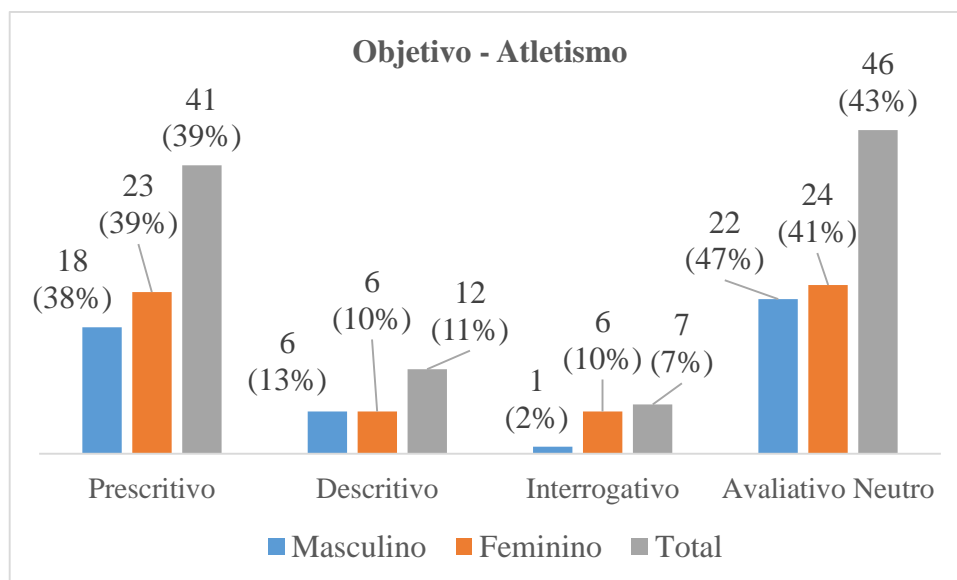


Gráfico 6. Objetivo do FB – Atletismo

Em relação ao objetivo do *feedback*, na modalidade de atletismo, podemos observar que há um maior número de avaliativos neutros, 46 *feedback* – 43%, seguido pelos prescritivos, 41 *feedback* – 39%, pelos descritivos, 12 *feedback* – 11%, e finalmente pelos interrogativos, 7 *feedback* – 7%. Comparando resultados entre géneros, verifica-se que tanto aos rapazes como às raparigas lhes foi dado um maior número de *feedback* avaliativos neutros, 22 – 47% e 24 – 41% respetivamente, seguido dos prescritivos, 18 – 38% e 23 – 39% respetivamente. Nos descritivos, os rapazes receberam 6 – 13% e as raparigas 6 – 10%. Por último, nos interrogativos, foi dado apenas 1 – 2% aos rapazes e 6 – 10% às raparigas.

Noutros estudos, Sequeira & Rodrigues (2004) mostram-nos a frequência média dos *feedback* dados por professores licenciados, exatamente o grau de formação do professor avaliado. Nesse documento são visíveis os dados que apontam para uma maior frequência dos *feedback* prescritivos (67,90%), seguido dos descritivos (15,60%) e dos interrogativos (3,21%). Os restantes pontos percentuais dizem respeito aos *feedback* positivos e negativos. Tanto no futsal como no atletismo os dados têm algumas semelhanças com os do estudo citado, sendo que no futsal os *feedback* descritivos e interrogativos têm uma percentagem mais residual, quando comparados com os dados do atletismo e do autor supracitado. Pestana, R. (2006) também apresenta alguns resultados num estudo semelhante. Desta feita, os *feedback* prescritivos representam 59,24% das

ocorrências, os descritivos 29,71% e os avaliativos 11,05%. Esta última percentagem não é relevante para a análise deste gráfico, no entanto, podemos ver que mais uma vez existe uma maior percentagem dos prescritivos, seguido dos descritivos, que neste caso representam uma percentagem um tanto elevada quando comparada com os outros estudos. A percentagem elevada dos avaliativos neutros explica-se pela quantidade de *feedback* que não corresponde a nenhuma das primeiras três categorias representadas no gráfico.

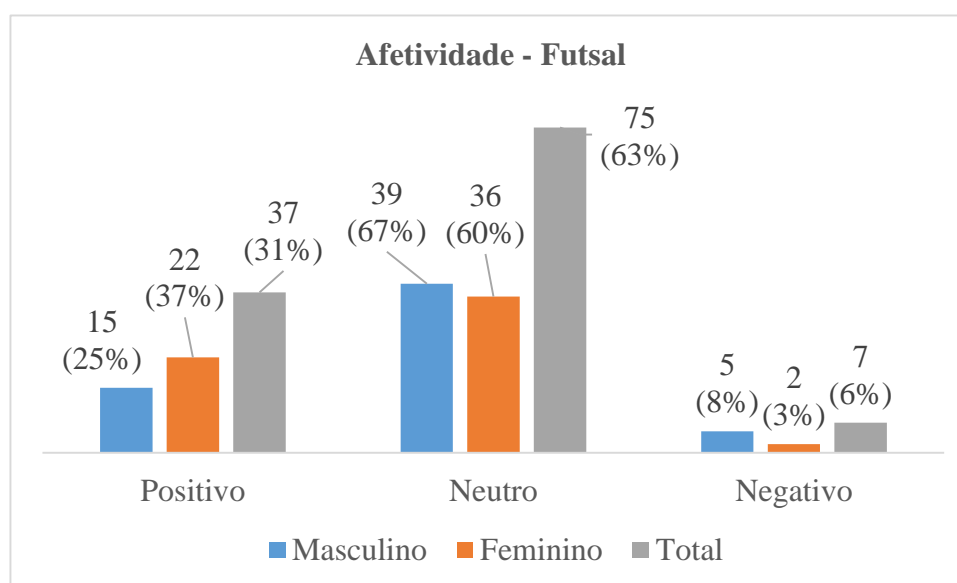


Gráfico 7. Afetividade do FB – Futsal

Quanto à afetividade, na modalidade “futsal”, observa-se que grande parte é neutra, com 75 *feedback* (63%), depois positivos, com 37 *feedback* (31%) e os restantes são negativos, com apenas 7 *feedback* (6%). Aos rapazes foram dados 39 (67%) *feedback* neutros, 15 (25%) positivos e 5 (8%) negativos. Às raparigas foram dados 36 (60%) neutros, 22 (37%) positivos e 2 (3%) negativos.

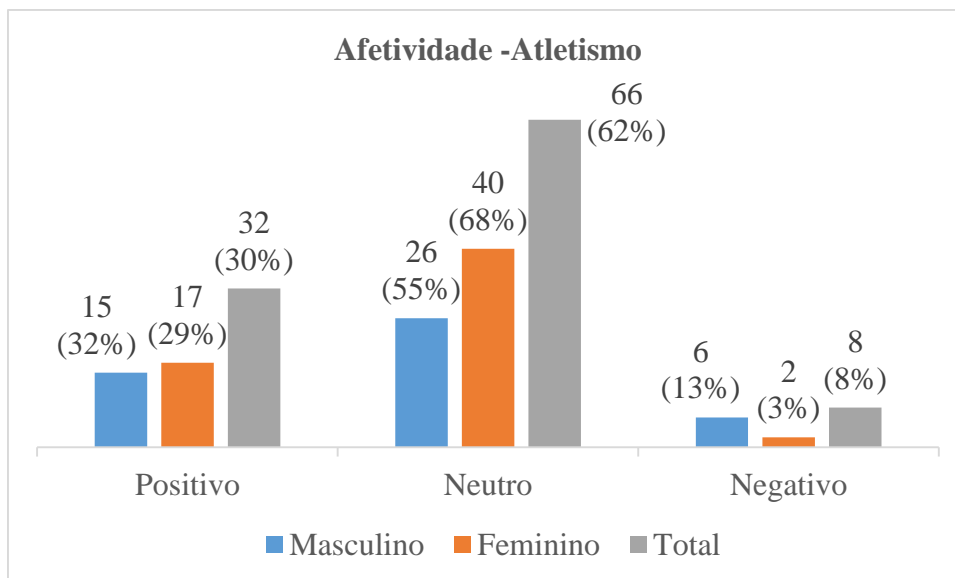


Gráfico 8. Afetividade do FB - Atletismo

Na modalidade “atletismo”, pode-se ver que grande parte é neutra, com 66 *feedback* (62%), depois positivos, com 32 *feedback* (30%) e os restantes são negativos, com apenas 8 *feedback* (8%), à semelhança do que aconteceu na modalidade individual. Aos rapazes foram dados 26 (55%) *feedback* neutros, 15 (32%) positivos e 6 (13%) negativos. Às raparigas foram dados 40 (68%) neutros, 17 (29%) positivos e 2 (3%) negativos.

Piéron (1996) propõe um conjunto de objetivos práticos que contribuem para a melhoria do ensino. Dentro destes destacam-se o aumento da frequência do *feedback*, que foi semelhante para ambos os géneros como vimos anteriormente, a redução das intervenções negativas e o aumento das positivas. Nos gráficos é visível o facto de existir uma percentagem muito maior da afetividade positiva em relação à negativa. Estas intervenções com afetividade negativa consistiram todas em momentos de desaprovação de comportamentos inadequados por parte dos alunos, os chamados *feedback* organizativos/disciplinares, e não em relação aos corretivos.

Os dados obtidos no presente estudo vão ao encontro daquilo que existe na bibliografia da área.

No fim, a principal nota que se retira deste estudo é a não existência de indícios de uma prática pedagógica tendenciosa e incorreta, antes pelo contrário, os resultados

são bons indicadores da boa prática pedagógica deste docente no que diz respeito à dimensão instrução, mais propriamente no *feedback* dado.

Conclusões

O tipo e quantidade do *feedback* dado foi condicionado pelas necessidades dos alunos, pelo nível e pelas características relativas à disciplina/comportamento dos mesmos, sendo tudo isto independente do género.

Os dados onde se notou uma pequena diferença justificam-se pelas características que os rapazes na generalidade têm em comum, e que as raparigas não têm, e as características que as raparigas têm em comum e que os rapazes não têm.

Limitações do estudo

O estudo teve uma amostra reduzida em número de aulas, de tempos observados, de modalidades e de atores envolvidos, podendo ter sido muito mais rico num contexto mais alargado. Estas foram condicionantes impostas pela natureza do estudo em si e pelo contexto onde foi realizado, podendo de certa forma tirar alguma validade ao que aqui se concluiu. Outra condicionante de relevo é o facto de o professor avaliado ser também o professor responsável pelo estudo.

9. Conclusão

Concluindo este ano de trabalho, o ano de estágio e o culminar de todas as aprendizagens adquiridas no ensino superior, pode-se seguramente afirmar que a formação está muito mais completa. Somos hoje profissionais praticamente formados, que buscam sempre formação contínua e com um desejo de aprender mais sobre a pedagogia e as suas práticas na área da educação física. Aquilo que no início era um conjunto de muitas inseguranças, hoje é um conjunto de certezas, certezas estas relativas à vontade de querer voltar a exercer o ensino, de o promover e de insistir na área seja qual for a situação profissional que o caracteriza num dado momento, porque o ensino vale sempre a pena e os jovens formados nas escolas são os adultos e formadores do amanhã.

De referir que todas estas aprendizagens foram conseguidas devido ao apoio e ajuda que todos os agentes escolares nos deram, desde os orientadores, aos auxiliares (funcionários da escola) e aos alunos. Outro aspeto que nos ajudou muito ao longo deste estágio foi a capacidade e atitude crítica construtiva, em relação aos outros estagiários e principalmente a nós próprios, pois só reconhecendo os pontos mais fracos podem estes ser melhorados através do trabalho e dedicação que merece.

Podemos hoje concluir que todos os objetivos a que nos tínhamos proposto cumprir no início deste estágio foram conseguidos, com todo o trabalho, dedicação e empenho. É um orgulho e um sentimento de missão cumprida ser formado como professor de educação física.

10. Referências bibliográficas

Bento, J. (2003). Planeamento e Avaliação em Educação Física. Livros horizonte, 3ª edição.

McGown. (1991). O Ensino da Técnica Desportiva. Treino Desportivo, II(22), 15-22.

Pestana, R. (2006). O Sucesso Comunicativo nas Actividades Desportivas. Estudo do Feedback do Treinador e do Desportista no Ensino das Actividades Desportivas. Revista Horizonte, XXI(124), 29-35.

Piéron, M. (1996). Formação de Professores. Aquisição de Técnicas de Ensino e Supervisão Pedagógica.

Quina, J., Costa, F. C., & Diniz, J. (1995). Análise da Informação Retida pelos Alunos em Aulas de Educação Física. Boletim da Sociedade Portuguesa de Educação Física(12), 9-29.

Sequeira, P., & Rodrigues, J. (2004). O Comportamento do Treinador de Andebol nos Escalões de Formação. Análise do Feedback e das Decisões Pré-Interactivas no Treino. In V. Ferreira & P. Sarmiento (Eds.), Formação Desportiva. Perspectivas de Estudo nos Contextos Escolar e Desportivo (pp. 207-222). Lisboa: Faculdade Motricidade Humana.

Siedentop, D. (1998). *Aprender a Enseñar la educación Física*. Colección La Educación Física en... Reforma. INDE publicaciones.

10.1. Outras referências

Nobre, P. (2012). Estudos Avançados em Desenvolvimento Curricular em Educação Física. Apontamentos Pedagógicos de apoio ao Mestrado do Ensino da Educação Física no Ensino Básico e Secundário. Universidade de Coimbra. Faculdade de Ciências do Desporto e Educação Física. Coimbra.

Silva, E. (2013). Didática da Educação Física e Desporto Escolar. Apontamentos Pedagógicos de apoio ao Mestrado em Ensino da Educação Física dos Ensinos Básico e Secundário. Universidade de Coimbra. Faculdade de Ciências do Desporto e Educação Física. Coimbra.

Silva, E., Fachada, M. e Nobre, P. (2014/2015). Guia das Unidades Curriculares dos 3º e 4º Semestres 2013 - 2014. Universidade de Coimbra. Faculdade de Ciências do Desporto e Educação Física. Coimbra.

11. Anexos

- Questionário da caracterização da turma;
- Plano de Aula;
- Tabela de Avaliação Diagnóstica;
- Tabela de Avaliação Formativa;
- Tabela de Avaliação Sumativa.

11.1 Anexo I – Questionário para a caracterização da turma



Escola Básica e Secundária - Quinta das Flores

Ano Letivo 2014/2015

Ficha do Aluno

1. Identificação do Aluno

Nome: _____ N.º: __Data de
nascimento: __/__/__ Filho de _____

e de _____

Telemóvel _____ Telefone: _____ Email: _____

_____ Morada: _____

_____ Concelho:

_____ Distrito: _____ Código Postal: ____ - ____

2. Encarregado de Educação

Nome: _____ Grau de parentesco: _____

Data de nascimento: __/__/__ Tel. _____ Email: _____

Morada: _____

Concelho: _____ Distrito: _____ Código Postal: ____ - ____

Profissão: _____ Situação Profissional: Empregado(a) Desempregado(a)

Reformado(a)

Contacto de emergência:

Nome: _____ Telemóvel: _____ Grau de parentesco: _____

3. Agregado familiar (com quem vives)

| Parentesco | Idade | Habilitações | Profissão |
|------------|-------|--------------|-----------|
| | | | |
| | | | |
| | | | |
| | | | |
| | | | |
| | | | |

4. Vida Escolar/Hábitos de Estudo

Beneficiarias de Ação Social Escolar? Sim Não Especificamente em quê? _____

Repetente? Sim Não Em que ano(s) de escolaridade: _____

Motivos da reprovação: Falta de aproveitamento Exclusão por faltas Doença Mudança de curso Anulação da matrícula

Em que disciplinas não tiveste aproveitamento escolar no ano anterior?

Com que nota terminaste a disciplina de Educação Física no ano anterior? _____

Em relação ao ano letivo anterior, indica:

As disciplinas em que tens mais dificuldade: _____

As disciplinas preferidas: _____

As disciplinas que gostas menos: _____

Onde costumavas estudar? _____

Tens apoio na realização dos TPC/realização de trabalhos/estudo: Sim Não Por quem? _____

Em média, quanto tempo costumavas dedicar ao estudo/realização de TPC, durante a semana (7 dias)? _____

Na tua habitação, possuis quarto individual? Sim Não Se não, com quem partilhas o quarto? _____

Tens alguns dos seguintes equipamentos no teu quarto?

televisão aparelhagem computador internet livros não escolares jogos

Onde estudas habitualmente? _____ Em média, quanto tempo por dia? _____

Deslocação para a escola: a pé de autocarro de carro de moto outro

Deslocação para casa: a pé de autocarro de carro de moto outro

Distância: _____ Tempo gasto em cada viagem: ____/____

Habitualmente, a que horas chegas ao final do dia a casa? _____

Tens algum computador que possa ser usado para fins escolares? Sim Não

Numa escala de 0 a 5 como classificas o nível de participação/apoio/accompanhamento dos teus pais no teu percurso escolar?

5. Características do Professor

Indica as quatro características que mais aprecias num(a) professor(a) (Podes acrescentar outras opções nos espaços vazios):

| | | | |
|--------------|--|---------------|--|
| Exigente | | Acessível | |
| Simpático(a) | | Preocupado(a) | |
| Criativo(a) | | Divertido(a) | |
| Justo(a) | | Organizado(a) | |
| Coerente | | Competente | |
| | | | |

6. Ocupação dos tempos livres

Como ocupas o teu tempo livre? _____

Em média, quanto tempo (min.) por dia despendes: a ver televisão ___ no computador ___ a ler ___ a ajudar nas tarefas domésticas ___ no convívio com os pais ___ no convívio com amigos ___

7. Saúde/Alimentação

Tens dificuldades: visuais auditivas motoras de escrita de linguagem

Outras: _____

Se necessitas de cuidados especiais de saúde indica-os: _____

Tomas algum medicamento regularmente? Sim Não Se sim, qual? _____

A que horas costumavas deitar-te durante os dias úteis? _____ E aos fins-de-semana? _____

Em média, quantas horas dormes por dia? ___h

Costumas tomar o pequeno-almoço: em casa na escola café outro Qual? _____

O que costumavas comer ao pequeno-almoço: _____

Onde costumavas almoçar? em casa bar da escola cantina da escola outro Qual? _____

Que refeições costumavas fazer por dia? Pequeno-almoço Lanche da manhã Almoço Lanche da tarde

Jantar Ceia

Quantas peças de fruta comes por dia? _____ Quantos litros de água ingeres por dia? _____ Comes guloseimas/doces diariamente? Sim Não Se sim, quantas? _____ Quantos refrigerantes ingeres por dia? _____

8. Histórico Desportivo

Praticas desporto federado: Sim Não Se sim, qual? _____ Quantas vezes por semana? _____

Duração do treino: _____ Há quanto tempo: _____ Além desse desporto, já praticaste mais algum? Sim Não
Se sim, qual? _____

Praticas exercício físico fora da escola? Sim Não Se sim, qual/quais? _____ Quantas vezes por semana? _____ Quanto tempo (média) por sessão? _____

Já tiveste alguma lesão grave? Sim Não Se sim, qual? _____

Tens alguma doença crónica/lesão que condiciona a prática de exercício físico? Sim Não Se sim, qual? _____

Tens algum familiar que pratique exercício físico regularmente? Sim Não Se sim, qual? _____

Grau de parentesco do mesmo: _____

Que outras atividades gostarias de ver realizadas na escola, no âmbito da Educação Física?

Corta-mato Desporto aventura Torneios Outra(s): _____

Modalidades desportivas favoritas: _____

Modalidades desportivas que menos gostas: _____

9. Expectativas

Que profissão gostarias de exercer no futuro? _____

Na tua opinião, qual a importância das aulas de Educação Física?

Obrigado(a)!

11.2. Anexo II – Plano de Aula

| PLANO DE AULA | | | | | |
|---|-------------------|--------------------------|---|-------------------------|--|
| Professor: Renato Gaspar | Ano/Turma: 9º C | Período: 2º | Data: 3/2/15 | Hora: 12:45h – 13:30h | |
| Duração: 45' | Tempo Útil: 45' | Local/Espaço: sala D4 | Nº Aula: 53 | Nº Alunos Previstos: 25 | |
| Unidade Didáctica: Atletismo | Nº Aula da UD: 13 | Total de aulas da UD: 16 | Função Didáctica: Avaliação sumativa teórica. | | |
| Objetivos da Aula: Avaliação da dimensão cognitiva (teste). | | | | | |
| Recursos Materiais: Nenhum material necessário. | | | | | |

| Tempo | Tarefas/Situações de aprendizagem | Objectivos específicos | Descrição da tarefa/Forma organizativa | Componentes críticas/Critérios de êxito | Estilos de ensino/Estratégias de ensino |
|---|-----------------------------------|------------------------------|--|--|---|
| | | | | | |
| PARTE INICIAL, FUNDAMENTAL E FINAL | | | | | |
| 12:45 | 30' | - Teste teórico sumativo. | - Avaliar os conhecimentos teóricos acerca da modalidade abordada. | - Os alunos sentam-se por ordem numérica, esperando a entrega dos testes por parte do professor. | Comando |
| 13:15 | 15' | - Correção do teste teórico. | - Dar a conhecer aos alunos as respostas corretas, corrigindo e explicando as questões onde estiveram menos bem. | - Após a recolha dos testes mantêm-se sentados. - Os alunos escutam a correção feita pelo professor, respondendo quando solicitados e questionando se tiverem dúvidas, participando de forma ativa. | Comando |

FUNDAMENTAÇÃO

Esta aula tem características diferentes de todas as outras uma vez que se trata da realização do teste teórico sumativo e correção do mesmo, que tem como objetivo avaliar os conhecimentos dos alunos em relação às modalidades abordadas dentro do atletismo e fornecer uma correção e esclarecimento das questões a que lhes foi solicitada resposta, ajudando a consolidar os conhecimentos que já têm, e a aprender novos (no caso dos alunos que responderam de forma errada a alguma das questões). Para os alunos estarem num ambiente favorável para a realização do mesmo, a aula será dada numa sala de aula normal em vez do espaço 3 onde se aborda o atletismo.

REFLEXAO

A aula começou sem atrasos, todos os objectivos foram concluídos e todos os alunos estiveram presentes. Foi feita a avaliação teórica através do teste, a correcção desse mesmo teste e ainda houve tempo para dar algumas informações acerca das próximas aulas de atletismo e unidade didáctica de futsal. Durante a concepção do teste houve pouco barulho, que era o que se pretendia para que as condições fossem óptimas para a concentração e pensamento para resolver as questões, ao contrário do que aconteceu na correcção do teste onde a turma se mostrou bastante faladora uma vez que todos queriam participar e dar a resposta. Este facto obrigou-me a intervir um número elevado de vezes de forma a conseguir fazer tudo dentro do tempo previsto, o que, como já referi, foi feito na totalidade. Na próxima aula será feita uma parte da avaliação sumativa prática, onde pretendo avaliar a corrida de velocidade, de estafetas e de barreiras, aproveitando os tempos da corrida de velocidade para os testes de condição física (40 metros).

NE – executa 1 ou nenhuma.....E – executa o movimento global mas com erros técnicos EB – executa todas as componentes com correção técnica

| Rolamento à frente | Rolamento à retaguarda | Apoio Facial Invertido | Avião | Ponte | Roda |
|---|--|---|--|--|--|
| <p>Apoia as mãos no solo à largura dos ombros e com dedos orientados para a frente.</p> <p>Os pés abandonam o solo após uma ligeira impulsão ao mesmo tempo que se eleva a bacia.</p> <p>Flexão dos cotovelos sem os afastar, apoia a nuca no solo e através de repulsão dos membros superiores “rola”, mantendo a cabeça em flexão e o corpo engrupado.</p> <p>Projeta os ombros e membros superiores para a frente de forma a voltar à posição inicial.</p> | <p>Através de um ligeiro desequilíbrio, apoia a parte posterior das costas até chegar à nuca.</p> <p>Os pés abandonam o solo após a uma ligeira impulsão ao mesmo tempo que se eleva a bacia.</p> <p>Assim que as mãos tocam no solo, o atleta flete os cotovelos sem os afastar, apoia a nuca no solo e através de repulsão dos membros superiores “rola”, mantendo a cabeça em flexão e o corpo engrupado.</p> <p>Projeta os ombros e os MS em extensão de forma a voltar à posição inicial.</p> | <p>Faz o afundo inicial sempre com os membros em extensão.</p> <p>As mãos são colocadas à largura dos ombros com os dedos bem afastados.</p> <p>Hiperextensão dos membros superiores, alinhamento dos segmentos corporais com extensão máxima do corpo.</p> <p>Sai da posição do alinhamento corporal fazendo rolamento à frente.</p> | <p>Tronco paralelo ao solo; M.S. em extensão, no prolongamento do tronco; M.I. em elevação, paralela ao solo e no prolongamento do tronco; M.I. de apoio em extensão;</p> <p>Olhar dirigido para a frente.</p> | <p>Extensão dos MS;</p> <p>Extensão dos MI;</p> <p>Cabeça acompanha o movimento de extensão da coluna.</p> | <p>Avanço de um dos M.I. e afundo lateral;</p> <p>Balanço enérgico do M.I. de trás que se encontra em extensão;</p> <p>Apoio alternado das mãos na linha do movimento;</p> <p>Impulsão da perna de chamada (perna da frente); M.S. e tronco alinhados na vertical dos apoios;</p> <p>Na trajetória aérea, os M.I. realizam o máximo afastamento possível e em extensão completa;</p> <p>No contacto ao solo o apoio dos pés é alternado na linha do movimento.</p> |

11.5. Anexo V – Grelha de Avaliação Sumativa

| Nº | | Nome | | Conteúdos Futsal | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | |
|----|--|----------------------------|--|-----------------------|--|---|------|--|---------------------------|---------------------------|---------------------------------|---|------|--|--|---|---|--|------|---------------------------|------------------|---|--|--|------|-----------------------------|--|--|--|--|------|
| | | | | Passe | | | | | | | | | | Remate | | | | | | | | | | Jogo | | | | | | | |
| | | | | Receção | | | | | Condução de bola | | | | | Remate | | | | | Jogo | | | | | | | | | | | | |
| | | Olhar dirigido para o alvo | Tronco ligeiramente inclinado a frente | Ligeira flexão do MII | Colocação do pé de apoio ao lado da bola | Extensão do MII no momento de contacto com a bola | NOTA | Olhar dirigido para a trajetória da bola | Tronco inclinado a frente | MII ligeiramente fletidos | Deslocamento na direção da bola | Amortecer e controlar a bola com a parte interior do pé | NOTA | Olhar dirigido para o espaço e para os colegas | Tronco ligeiramente inclinado a frente | Manter a bola junto ao solo, dentro do espaço de jogo | Condução de bola do lado oposto ao adversário | Condução de bola com a parte interna/externa do pé | NOTA | Tronco inclinado a frente | Cabeça levantada | MII de apoio fletido e colocado lateralmente à bola | Extensão do MII no contacto com a bola | Contacto com uma superfície ampla do pé: interior/superior | NOTA | Ocupação racional do espaço | Princípios ofensivos: Progressão, cobertura ofensiva | Princípios defensivos: Cobertura defensiva | Executa as tarefas das diferentes posições de jogo | Participação de forma ativa e dinâmica | NOTA |
| | | N | E | E | E | N | 3,5 | E | N | E | N | E | 3 | N | E | E | N | E | 3 | N | N | E | E | E | 3,5 | N | N | E | N | E | 2,5 |
| | | N | E | E | E | N | 3,5 | E | N | E | N | E | 3,5 | N | E | E | N | E | 3 | N | N | E | E | E | 3,5 | N | N | E | N | E | 2,5 |
| | | E | E | E | E | N | 5 | E | N | E | N | E | 5 | N | E | E | N | E | 5 | N | N | E | E | E | 5 | N | N | E | N | E | 5 |
| | | N | E | E | E | N | 3 | E | N | E | N | E | 3 | N | E | E | N | E | 3 | N | N | E | E | E | 3 | N | N | E | N | E | 2,5 |
| | | N | E | E | E | N | 3 | E | N | E | N | E | 3 | N | E | E | N | E | 3 | N | N | E | E | E | 3 | N | N | E | N | E | 2,5 |
| | | N | E | E | E | N | 3,5 | E | N | E | N | E | 3,5 | N | E | E | N | E | 3,5 | N | N | E | E | E | 3,5 | N | N | E | N | E | 3 |
| | | E | E | E | E | N | 5 | E | N | E | N | E | 5 | N | E | E | N | E | 5 | N | N | E | E | E | 5 | N | N | E | N | E | 4,5 |
| | | N | E | E | E | N | 4 | E | N | E | N | E | 4 | N | E | E | N | E | 4 | N | N | E | E | E | 4 | N | N | E | N | E | 4 |
| | | N | E | E | E | N | 3 | E | N | E | N | E | 3 | N | E | E | N | E | 3 | N | N | E | E | E | 3 | N | N | E | N | E | 2,5 |
| | | N | E | E | E | N | 4 | E | N | E | N | E | 4 | N | E | E | N | E | 4 | N | N | E | E | E | 4 | N | N | E | N | E | 4,5 |
| | | N | E | E | E | N | 3,5 | E | N | E | N | E | 3,5 | N | E | E | N | E | 3,5 | N | N | E | E | E | 3 | N | N | E | N | E | 3 |
| | | E | E | E | E | N | 5 | E | N | E | N | E | 5 | N | E | E | N | E | 5 | N | N | E | E | E | 5 | N | N | E | N | E | 4,5 |
| | | E | E | E | E | N | 5 | E | N | E | N | E | 5 | N | E | E | N | E | 5 | N | N | E | E | E | 5 | N | N | E | N | E | 4 |
| | | E | E | E | E | N | 5 | E | N | E | N | E | 5 | N | E | E | N | E | 5 | N | N | E | E | E | 5 | N | N | E | N | E | 4 |
| | | E | E | E | E | N | 4 | E | N | E | N | E | 4 | N | E | E | N | E | 4 | N | N | E | E | E | 4 | N | N | E | N | E | 3,5 |